

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

LUIZ EVARISTO GARCIA JÚNIOR

(3191632)

**O Sr. Machado de Assis, poeta indianista: nacionalismo
literário do verso para a prosa.**

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**O Sr. Machado de Assis, poeta indianista: nacionalismo
literário do verso para a prosa.**

Luiz Evaristo Garcia Júnior
profgarcia@usp.br

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro

São Paulo
2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Aos meus pais, Seu Luiz e Dona Zenith.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela saúde física e mental.

Ao meu orientador professor Dr. Eduardo de Almeida Navarro, pela paciência, compreensão e auxílio na pesquisa.

Ao corpo docente dos diversos departamentos do curso de pós-graduação em Letras da FFLCH, com os quais tive apoio e sugestões enriquecedoras ao longo das disciplinas cursadas.

Aos docentes que compuseram a banca de exame de qualificação no dia 12 de março de 2010, Dr. Fábio Rigatto de Sousa Andrade e Dra. Patrícia de Jesus Carvalhinhos, pelas louváveis sugestões.

Aos funcionários do DLCV, da biblioteca Florestan Fernandes e do Serviço de pós-graduação.

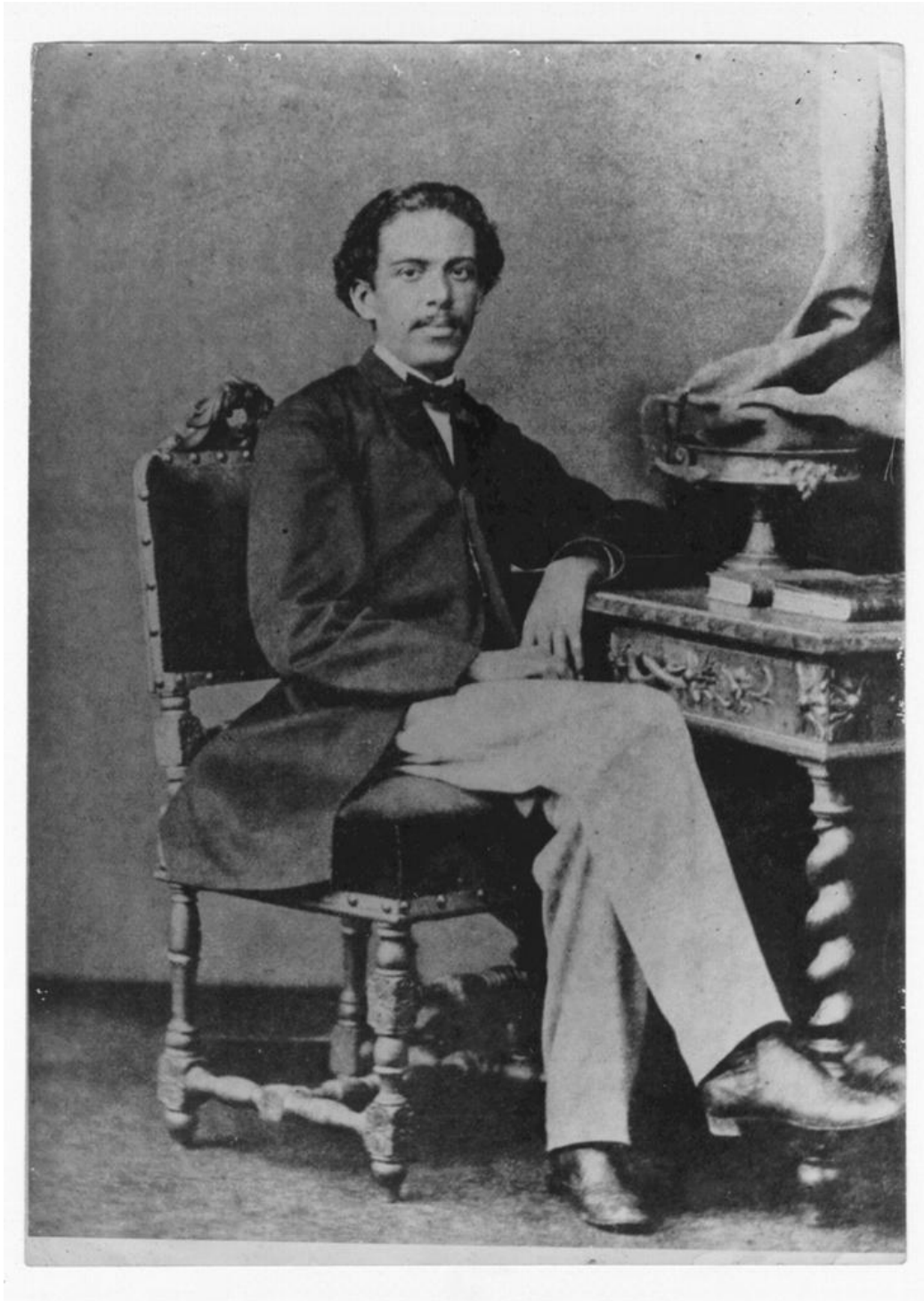
Aos meus familiares, especialmente ao meu irmão Paulinho.

Aos meus alunos, para os quais nosso aprimoramento profissional primeiro se reverte.

Por fim, aos meus amigos pesquisadores, especialmente ao Márcio e à Adriana, pela amizade e incentivo constantes.

Luiz Evaristo Garcia Júnior

São Paulo, dezembro de 2010.



Advinha-se o enigma lendo o livro; se, ainda lendo, não o decifrares, é que me não conheces.

Machado de Assis (A Semana, 25/11/1894).

GARCIA JÚNIOR, L. E. **O Sr. Machado de Assis, poeta indianista: nacionalismo literário do verso para a prosa.** 93 f. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

RESUMO

Este trabalho objetiva uma introdução à análise e interpretação de poemas de Machado de Assis (1839-1908) presentes no livro *Americanas* (1875), com o resgate de sua escassa fortuna crítica; apresentação esquemática dos poemas; das suas datas de publicação anteriores à reunião em livro; das críticas recebidas por Machado em vida, especialmente por Sílvio Romero (1857-1914); e das modificações operadas por Machado como reação a tais críticas. Busca-se analisar como Machado redirecionou e recriou certas peças literárias ao longo do processo formativo da nossa literatura de cunho nacionalista, representando certa formação do caráter nacional. Para tanto, analisamos dois contos intitulados *Mariana*, publicados em tempos distintos e entremeio à publicação de um poema das *Americanas* intitulado *Sabina*, cuja temática liga-se aos dois contos. Através da leitura dos textos ficcionais, bem como dos textos de crítica do próprio poeta e prosador, buscamos fundamentar uma leitura que aponta para a importância de sua referida obra poética, considerada como engrenagem a mover peças de sua obra em prosa.

Palavras-chave: crítica literária; literatura brasileira; Machado de Assis; nacionalismo, poesia indianista.

GARCIA JÚNIOR, L. E. **Mr. Machado de Assis, indianist poet: literary nationalism from verses to prose.** 93 f. São Paulo: FFLCH/USP, Dissertação (Mestrado em Letras), 2010.

ABSTRACT

This dissertation aims to introduce an introductory analyses and interpretation on some Machado de Assis's poems (1839-1908) published in the book *Americanas* (1875), bringing back to a new approach its rare reviewing essays; a systematic presentation for the poems, their launching datum, before they were gathered and published in a book reunion; some reviews received by Machado right after publishing them, especially those from Sílvio Romero (1857-1914); and some changes made by Machado as a direct reaction to those reviews. We try to analyze how Machado redirected and recreated some literary pieces of work over those years considered as Brazilian formative ones, when forms of nationalism, such as indianism, was the main topic for writers committed to represent their national identity. Therefore, we analyze two short stories entitled *Mariana*, published in different dates separated by the composition of a poem from *Americanas* named *Sabina*, of which its theme links to the other two short stories. Through the reading of those fictional texts, as well as including some reviews written by Machado, we search for a reading focused on the importance of Machado's poetry as a gear wheel for moving forward his prose works.

Keywords: Literary criticism; Brazilian Literature; Machado de Assis; nationalism, indianist poetry.

ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - Machado de Assis p.06

FOTO 2 - Gonçalves Dias p.15

FOTO 3 - Flor de embiruçu p.25

FOTO 4 - Roger Bastide p.35

FOTO 5 - Sílvio Romero p.57

FOTO 6 - José Veríssimo p.75

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO	p.11
2- INTRODUÇÃO AO POETA INDIANISTA	p.16
2.1- Dados estruturais da obra	p.20
2.1.1- Publicações anteriores à reunião em livro	p.22
2.1.2- Cronologia da recepção crítica	p.24
2.2- Os temas e a paisagem	p.26
3- INDIANISMO, AINDA QUE TARDIO	p.36
4- POESIA COMO OFICINA DA PROSA	p.58
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.76
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
6.1- OBRAS DE MACHADO DE ASSIS	p.79
6.2- OBRAS SOBRE MACHADO DE ASSIS	p.80
6.3- BIBLIOGRAFIA GERAL	p.85
6.4- FOTOS EM SUPORTE ELETRÔNICO	p.92

1- APRESENTAÇÃO

O presente trabalho objetiva investigar na obra poética de Machado de Assis (1839-1908), *Americanas* (1875), alguns aspectos próprios de seu indianismo literário, classificado como tardio. Tal investigação conduzir-nos-á às sugestões de alguns críticos aqui tratados de se verificar a importância da poesia machadiana dentro de seu próprio universo de representação, como engrenagem a movimentar outras partes de sua máquina literária. As origens da pesquisa aqui empreendida remontam ao nosso processo formativo, desde o curso de licenciatura em Letras da UNESP de Assis no início da década de 90, ao longo do qual inúmeras obras das literaturas brasileira e estrangeiras, particularmente a francesa e a alemã, foram estudadas, incluindo grandes clássicos de diferentes períodos, consagrados pela crítica e reconhecidos como tais. Notamos ao longo do processo formativo fomentado pelo curso de Letras, bem como pelas leituras e estudos subsequentes ao ingresso no programa de mestrado em Letras da FFLCH, que a poesia de Machado de Assis continua relegada a escassos estudos interpretativos. Em raras ocasiões, nalgum enfoque puramente historicista, composições como “À Carolina” e algumas outras traduções feitas por Machado de autores franceses ou ingleses tem sido mencionadas, mas abordadas sem um enfoque que as enfeixasse devidamente nas engrenagens do universo machadiano pelos críticos e historiadores que as apresentam. A ordem de importância revelada pelas

abordagens crítica e historiográfica existentes evidencia a supremacia do romance, do conto, da crônica e, mais recentemente, da crítica machadiana, em detrimento de sua obra poética.

A partir dessa constatação, um levantamento da fortuna crítica existente sobre esse tema demonstrou a necessidade de um trabalho que abordasse os poemas das *Americanas* sob um enfoque comparativo, que privilegiasse seu resgate e sua reavaliação no contexto do nosso nacionalismo literário e dentro do universo machadiano de crítica e ficção. Tarefa árdua, cuja complexidade total projeta-se como desafio investigativo.

Nessa abordagem apresentamos alguns dados acerca do processo de composição dos poemas que integram *Americanas*, dados inicialmente factuais como datas de primeiras publicações de alguns poemas anteriormente à sua reunião em livro, mas que se revelaram significativos quando analisados à luz da própria crítica machadiana. No capítulo intitulado “Introdução ao poeta indianista” procuramos apresentar o poeta resgatando algumas informações que fundamentam o ideário de nacionalidade vigente no início da segunda metade do século XIX no Brasil. Nesse momento elencamos alguns textos fundamentais para a historiografia da crítica literária que hoje representam pilares para se elaborar uma interpretação da nossa busca por uma forma de representação de nossa nacionalidade em literatura. Segue-se um tópico sobre a temática obrigatória da época, num momento político repleto de questões nacionalistas vivenciadas por Machado. Nesse capítulo

trataremos também da gênese poética do bruxo do Cosme Velho e da confusão de datas que se estabeleceu entre críticos e biógrafos ao fixarem uma data de estreia para o poeta, fatos resgatados por Raimundo Magalhães Júnior com precisão e minúcia.

No capítulo terceiro desse nosso trabalho, procuramos situar o tema do indianismo tardio de Machado e seu nacionalismo literário, tema cuja visitação constituiu uma quase obrigatoriedade aos escritores que se assumissem na tarefa de empreender uma independência literária no Brasil de então. Tal missão parece ter sua gênese em críticos europeus que aqui se estabeleceram ou que teorizaram acerca de uma literatura que se afirmaria como nacional brasileira. Dentre eles, destacamos Ferdinand Denis, em cujos ensaios encontram-se os fundamentos estéticos que nortearam o pensamento crítico dos intelectuais de então. Nesse mesmo capítulo, abordamos também escritores e críticos que se configuram como elementos internos ao processo, ao compararmos-los com os europeus, são eles Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias, o ácido Sílvio Romero e o doce José Veríssimo.

A esse capítulo, basicamente historicista e informativo, segue-se o quarto e principal, no qual esboçamos uma possibilidade interpretativa de dois contos de Machado à luz de algo de sua poesia de *Americanas*, lendo-a sob o enfoque da engrenagem dentro de um mecanismo maior, em que um conto anteriormente concebido sob um referencial específico passa por uma transformação posterior, mas não sem antes ter sido intermediado

pela publicação de um poema que, sob o prisma interpretativo aqui sugerido, o renova e projeta o autor a um estágio avançado de seu ofício.

Para tanto, em inúmeras etapas dessa nossa leitura recorreremos a alguns ensaios como o “Instinto de Nacionalidade”, observando as diretrizes crítico-teóricas que nortearam a poética indianista machadiana, para, com elas, sob a óptica de um leitor que lê o projeto literário, a ação literária e certa correção posterior dos textos publicados, chegarmos a uma análise verdadeiramente significativa da obra machadiana e que possa contribuir para elucidar mais uma faceta de nosso mais célebre escritor.

As considerações finais desse trabalho reportar-se-ão às observações dos fatos literários verificados na abordagem dos poemas e dos contos, comprovando ou não as hipóteses aqui levantadas. Na parte final apresentamos as referências bibliográficas devidamente divididas e ordenadas segundo norma vigente.



Gonçalves Dias (1823-1864)

*A influência de Gonçalves Dias e de Alencar é evidente, e Machado nada acrescentou nem nada alterou na maneira de idealizar o aborígine.
(Manuel Bandeira)*

2- INTRODUÇÃO AO POETA INDIANISTA

A obra poética de Machado de Assis conta ainda hoje com poucos estudos críticos sobre ela, quase todos ligados entre si por um preconceito que parece ter tido início no desafeto assumido por Sílvio Romero (1851-1914) contra a obra machadiana, o qual teria levado toda uma geração de estudiosos a julgá-la parcialmente. Dessa forma, percebemos nos estudos aqui tratados certa permanência dessa parcialidade, sob a forma de delimitação por parte dos estudiosos de um *corpus* pouco variável, apontando sempre seus julgamentos àquelas composições já analisadas pelos nomes mais consagrados da crítica machadiana. A abordagem crítica insiste em mostrar os diversos temas tratados por Machado de Assis em sua obra poética como uma espécie de laboratório temático, do qual os temas experimentados em poesia se prestariam a uma posterior utilização nas suas obras em prosa, principalmente *Memórias Póstumas*.

Buscamos em nosso enfoque contribuir para uma leitura da obra poética machadiana como parte integrada à organicidade do conjunto de sua produção, mas procurando divisar o que nos parece possível nesse quadro, como alguns elementos poéticos de seus versos, especificamente de sua obra quase toda indianista, *Americanas* (1875), observando neles (nos versos) os pontos de contato com alguns elementos prosaicos cronologicamente possíveis, para podermos – ou não – verificar até que

ponto sua poesia serviu de oficina experimental para a prosa. Isso só nos parece possível se mediados pelos julgamentos críticos do próprio autor, a partir de leitura atenta dos seus ensaios anteriores à publicação das *Americanas*.

Enquanto antologias de seus contos e de suas crônicas são organizadas, o mesmo não acontece com sua obra poética. Machado de Assis iniciou sua carreira com a poesia e nunca a abandonou, publicou *Crisálidas* em 1864, *Falenas* em 1870, *Americanas* em 1875 e *Ocidentais* em 1900, suas *Poesias Completas* saíram um ano depois, obra na qual reuniu composições até então dispersas nos jornais e periódicos com os quais colaborava.

A data das publicações de suas poesias em livro oferece um referencial cronológico institucional, tornando-se evidente o fato de suas composições terem sido, em grande parte, elaboradas em datas anteriores às das publicações. Segundo Raimundo Magalhães Júnior (1908-1981), no ensaio “Um Péssimo Começo” (MAGALHÃES JR, 1981), Machado estreou na poesia em 3 de outubro de 1854, aos 15 anos de idade, ocasião em que publicou no *Periódico dos Pobres* uma composição intitulada “Soneto”.

No entanto, certa confusão de datas se faz presente até nossos dias, uma vez que em *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho, com primeira edição de 1959, Renard Pérez, que assina o “Esboço Biográfico” (MACHADO DE ASSIS, 1997), aponta para a composição “Ela”, publicado na *Marmota Fluminense* em 12 de janeiro de 1855, como

primeiro trabalho literário de Machado de Assis. No volume de número três da mesma obra, em nota explicativa, temos a informação de que o primeiro poema até então teria sido “A Palmeira, de 6 de janeiro de 1855, data de composição, não de publicação.

É importante notar também que a publicação na *Marmota Fluminense* de um poema elegíaco, dedicado à sua irmã, Maria Machado de Assis, data de 22 de fevereiro de 1856, o que comprova que “Um Anjo” não é sua primeira composição, como pode se pensar, uma vez que a morte da menina, acometida por sarampo aos quatro anos de idade, ocorreu em 4 de julho de 1845, quando Machado tinha apenas seis anos; portanto, o poema só foi escrito cerca de dez anos depois. Esse cruzamento de dados referentes às datas de fatos familiares com as de composição e de publicação dos poemas pode ter originado essa variação nas informações.

O referido “Soneto” é comprovadamente a obra de estreia de Machado. O soneto só foi descoberto por José Galante de Sousa em 1972, mas, devido ao pouco apuro formal nele observado pela crítica, é comum não ser mencionado nos inúmeros esboços bibliográficos de natureza didática que se multiplicam sobre o autor; são decassílabos que apresentam uma única variação no pronome de tratamento empregado pelo poeta ao dirigir-se a Petronilha, mulher que é exaltada no soneto.

Se os estudos sobre sua estreia poética existem em número a possibilitar tal discussão, evidenciando a presença e a dedicação

constante de ensaios críticos sobre o assunto, sua poética indianista chega a ser quase ignorada, relegada a vozes isoladas em meio aos debates em torno de seus contos, romances e crônicas. Sendo assim, faz-se necessário nesse nosso trabalho, a menção a esses poucos estudos sobre o assunto, direcionando nossa atenção às *Americanas* (1875), sua única obra poética indianista, ainda que não trate exclusivamente de índios.

2.1- Dados estruturais da obra

Americanas, em sua primeira edição, contava com treze poemas, publicados todos em 1875, no entanto, repetimos, alguns deles saíram anteriormente, como veremos ao tratarmos das composições. Os títulos são “Potira”, “Niâni”, “A Cristã Nova”, “José Bonifácio”, “A visão de Jaciúca”, “Cantiga do Rosto Branco”, “A Gonçalves Dias”, “Os Semeadores”, “A Flor do Embiroçu”, “Lua Nova”, “Sabina”, “Última Jornada” e “Os Orizes”, segundo a ordem em que aparecem na primeira edição.

Quando, atendendo ao pedido de seu editor, Machado preparou o volume de suas *Poesias Completas*, em 1901, vários cortes foram feitos nas composições. Das *Americanas*, suprimiu “Cantiga do Rosto Branco”, tradução de um poema de Chateaubriand (1768-1848), por razões que revelou, mas que merecem ser abordadas. Suprimiu também, e sem expor motivos, alguns fragmentos, como outros onze versos severamente criticados por Sílvio Romero, quatro anos antes, no ensaio “O poeta das *Americanas*” (ROMERO, 1992), publicado em 1897.

Para aprofundarmos a abordagem que anunciamos na apresentação desse trabalho, além desse estudo de Romero, procuramos recuperar alguns tratados da obra poética de Machado, enfocando sua poesia indianista, norteados principalmente pelos estudos de José Veríssimo (1857-1916), “O Sr. Machado de Assis, poeta” (VERÍSSIMO, 1997), publicado em 21 de maio de 1901 no *Jornal do Comércio*; de Manuel

Bandeira (1886-1968), o ensaio intitulado “O poeta” (MACHADO DE ASSIS, 1997), publicado na *Revista do Brasil*, em 12 de janeiro de 1939 e inserido como parte introdutória da publicação de um volume de poesias de Machado; de Raimundo Magalhães Júnior (1908-1981), “O Último Carabineiro do Indianismo” (MAGALHÃES JR, 1981), um dos poucos ensaios a adentrarem nas *Americanas* mais atentamente, relacionando-a ao contexto geral da obra Machadiana; de Mário Curvello, “Falsete à poesia de Machado de Assis” (BOSI, 1982), até a presente data, o estudo mais detalhado da poesia machadiana; e um ensaio recente de Cláudio Murilo Leal, “Um poeta todo prosa” (SECHIN, 1998), no qual, como sugere o título, o autor esboça alguns aspectos notáveis acerca da influência das técnicas do prosador no poeta.

Mencionaremos ainda alguns estudos críticos que oportunamente oferecerão subsídios para nossa argumentação, reportar-nos-emos a obras de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Maria Eunice Moreira, Guilhermino César, Regina Zilberman, José Aderaldo Castelo.

Após essa apresentação da escassa fortuna crítica sobre a poesia indianista de Machado de Assis, abordaremos alguns dados externos às obras ficcionais do autor, no intuito de fornecer um breve esboço do agitado contexto de época em que se desenvolveu a nossa consciência nacionalista, da política para a literatura, possível gênese da preocupação com a expressão de uma cor local nas Letras.

2.1.1- Publicações anteriores à reunião em livro.

A Garnier publicou três edições das poesias reunidas de Machado, em 1901, 1902 e em 1924. A W. M. Jackson Inc. adquiriu o direito de propriedade das obras e publicou *Poesias Completas* em 1937 (incluindo as peças rejeitadas pelo autor), 1942, 1944, 1946 e em 1950. Ary de Mesquita organizou e revisou a edição de 1953, a mesma que saiu em 1957 pela Gráfica Editora Brasileira Ltda. Em 1959 saiu a primeira edição pela Editora Nova Aguilar, organizada por Afrânio Coutinho.

Outras publicações se seguiram em separata, em nossa abordagem referimo-nos constantemente a uma publicação do INL datado de 1977, organizado pela Comissão Machado de Assis, do qual o quadro abaixo foi transcrito com adaptações:

1 – “Potira”: sem data, *Jornal do Comércio*, junho e agosto de 1870, assinado: Y.

2 – “Os Orizes” - sem data. Em nota, Machado de Assis menciona: “Foi o nosso eminente poeta e literato, Porto Alegre, hoje Barão de Santo Ângelo, quem, há cerca de quatro anos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes Conquistados*, que vem na *Ver. do Inst. Hist.*, t. VIII”. Sendo de 1875 a edição, *infere-se* que o poema foi elaborado ou, pelo menos, planejado em 1871.

3 – “José Bonifácio” - sem data. *Jornal do Comércio* de 7.9.1872, sob o título “À inauguração da estátua de José Bonifácio”.

4 – “Niâni” - sem data. Em carta a Machado de Assis, datada de 15.10.1873, e publicada no v. 12 de *Autores e Livros*, A. d'Escragnoille Taunay já se referia à conversa anterior de ambos a propósito do nome da heroína – Nanine ou Niâne.

Em nota à peça - nas *Americanas* - Machado de Assis menciona a participação que teve Taunay na escolha daquele nome. Assim, não resta dúvida de que a composição do poema seja de 1873.

5 - As demais peças, sobre as quais não há referência anterior à publicação do livro, têm, necessariamente, como limite de composição o ano de **1875**, quando da edição do volume, cujo lançamento *A Reforma*, em **18 de dezembro** daquele ano, já dava notícia.

2.1.2- Cronologia da recepção crítica

O quadro abaixo nos remete aos textos analisados para nossa pesquisa e oportunamente citados ao longo desse estudo, todos a publicados a partir da publicação da obra em livro.

11/01/1876 Parecer de Ferreira de Araújo na seção “Crônica Bibliográfica”, do *Jornal Gazeta de Notícias*, com o pseudônimo de L. ou Lulu Sênior.

16/01/1876 Nota crítica de Carlos Ferreira, sem assinatura, revelada sua identificação quatro dias depois no *Correio Paulistano*.

11/02/1876 Certamente a mesma crítica anterior, dessa vez n’*O Globo*, de Quintino Bocaiúva com o título, “*Americanas – Poesias do Sr. Machado de Assis*”.

~ **/08/1876** Sai um artigo no periódico nova-iorquino *Novo Mundo* - publicação mensal de José Carlos Rodrigues - sem assinatura, era de Salvador de Mendonça, a quem Machado enviou um exemplar de seu livro.

21/05/1901 Apreciação crítica de José Veríssimo no *Jornal do Comércio*, em artigo intitulado “O Sr. Machado de Assis, Poeta”.



Embiruçu (*Eriotheca candolleana*), árvore brasileira, de flor branca, uma das plantas à qual se atribui o nome Catuaba, sendo também conhecida como catuaba-branca.

Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.
(M. de A., *Instinto de Nacionalidade*)

2.2- Os temas e a paisagem

O Rio de Janeiro em que Machado nasceu a 21 de junho de 1839 era um ambiente semirrural, com população de cerca de 300 mil habitantes, de sua infância, ambiente parcialmente descrito no conto “Casa Velha”, publicado na revista *A Estação*, de 1885 a 1886. Machado cresceu num período em que os intelectuais brasileiros lutavam pela afirmação da brasilidade nas artes, promovendo debates sociais efervescentes em torno de temas como indianismo, nativismo e nacionalismo. A maior parte da produção poética desse período já refletia o sentimento de luta por uma identidade cultural que encontraria na literatura um dos veículos de sua expressão.

Trabalhando na tipografia de Paula Brito, Machado publicou seus versos em outros jornais e periódicos, pelo menos uma das composições das *Americanas* saiu no *Jornal do Comércio*. É importante lembrar que boa parte das informações que permitem reconstituir os anos de formação de Machado de Assis encontra-se no importante estudo biográfico de Jean Michel Massa, publicado em 1971, e que serviram de fonte para um ensaio de Valentim Facioli intitulado “Várias Histórias para um Homem Célebre” (BOSI, 1982).

No ano de 1855, Machado publicou suas composições na *Marmota Fluminense*, de Paula Brito, revista bimestral que veiculava as produções dos jovens colaboradores, todos faziam parte da Sociedade

Petalógica, onde Machado conheceu Casimiro de Abreu e Gonçalves de Magalhães, dentre outros. Entre 1856 e 1858, foi tipógrafo e passou a colaborar no *Correio Mercantil*, sob a tutela de Manuel Antônio de Almeida. Quintino Bocaiúva o levou ao *Diário do Rio de Janeiro*, onde foi jornalista, chegando a concorrer a deputado pelo partido liberal. Foi tradutor de inglês e francês, mas, em 1867 é nomeado adjunto de direito do *Diário Oficial*.

Da amizade com José de Alencar, temos o pedido de apreciação do poeta Castro Alves, vindo da Bahia em 1868. No ano seguinte, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, que faleceu em 1904, lhe sobrevivendo um sentimento de luto que o acompanhou até sua morte, tendo-lhe também inspirado uma de suas mais belas composições.

Devemos lembrar também que não falta desafetos em relação a Machado de Assis por parte de alguns críticos, Agripino Grieco, por exemplo, lembra que Machado não tratou de crianças, velhos e pobres em sua obra, sob o modelo de Sílvio Romero, insiste em diminuir a importância do escritor fluminense observando alguns fatores dessa natureza:

Joaquim Maria não falava dos parentes. Assassinou a lembrança dos dias infantis e talvez se irritasse quando alguém o aconselhou a escrever as suas memórias. Não gostava de perguntas indiscretas sobre seu começo de vida. Vaidade...se procedesse de Botafogo, confessaria logo, daria todos os detalhes.. (GRIECO, 1959, p.103)

Descontado o exagero das suposições do crítico, seria o

caso de indagarmos se o que há em Machado já não basta? Inventariar o que não há não parece um procedimento útil a quaisquer aspectos interpretativos de sua obra. Se o morro do Livramento e a infância pobre não aparecem em suas obras, talvez não tenham sido elementos pertinentes ao projeto literário que desenvolvia, da mesma forma que aquele “exagero do colorido” tomado como bandeira nacionalista pelos românticos.

Machado não negligenciou os aspectos políticos, sociais e ideológicos de seu tempo, sem dúvida, o contexto social de escritores de um dado período, principalmente o do Brasil do século XIX, oferece elementos possíveis e pertinentes à realização literária que se enforma. Alguns críticos lembram que um dos elementos de manipulação técnica, dominante na obra de Machado de Assis, era a ironia na representação dos conflitos humanos, presente, sobretudo nos romances da chamada fase madura do escritor, e que essa ironia recai sobre a sociedade da época, seus costumes e valores.

Os elementos sociais da vida nacional encontram-se transpostos na literatura dos intelectuais conscientes da época em que vivem, consciência essa que transparece nas temáticas desenvolvidas em seus textos. Se Machado fosse servir-se apenas do substrato urbano do Rio de Janeiro de sua época, provavelmente nem seria lembrado em nossos dias, basta notar os relatos dos diversos historiadores europeus que aqui estiveram, suas impressões fornecem um retrato fiel da realidade da

nação escravista de então. Da historiadora norte-americana Mary C. Karasch, transcrevemos o trecho a seguir, observando os fatos políticos de nossa história do Brasil:

Os donos de escravos cariocas e seus descendentes escolheram escrever sobre o que os interessava na primeira metade do século XIX: a fuga emocionante da corte portuguesa para o Rio, em 1808; o movimento pela independência e a declaração de Pedro I em 1822; o estabelecimento do Primeiro Império, sob D. Pedro I, que governou de 1822 até a sua volta para Portugal, em 1831; os anos turbulentos da Regência, quando brasileiros governaram em nome de seu filho Pedro II; e a consolidação do poder nas mãos do jovem imperador na década de 1840, que conduziria à estabilidade política do Segundo Império, que duraria até 1899. (KARASH, 2000, p.20)

Todos esses fatos foram digeridos pelos escritores da época, e Machado os internaliza nos conflitos de suas personagens, fazendo deles elementos contextuais inerentes à sua narrativa. Um exemplo de atuação literária diretamente ligada a um fator político nos é dado pelo poeta e jornalista Machado de Assis, na ocasião dos desdobramentos da chamada “Questão Christie”, quando as relações políticas entre o Império e o Reino da Grã-Bretanha se abalaram, dividindo a opinião pública brasileira.

O problema teve início com o naufrágio de um navio inglês na costa do Rio Grande do Sul, provocando represálias por parte dos representantes ingleses no Brasil, o que culminou com o bloqueio dos portos brasileiros, como forma de pressão para o pagamento de uma indenização milionária aos cofres do Reino Unido. Nessa ocasião, Machado

escreveu um hino patriótico, intitulado “Hino dos Voluntários”, publicado na *Semana Ilustrada* em 18 de Janeiro de 1863, musicado por Júlio José Nunes, numa referência direta ao caso temos a seguinte quadra: “Pela liberdade ufana, / Ufana pela honradez, / Esta terra americana, / Bretão não te Beija os pés”. Trazia ainda o seguinte refrão: “Brasileiros haja um brado” / Nesta terra do Brasil: / Antes a morte de honrado / Do que a vida infame e vil!”.

O cenário da vida política e cosmopolita da época teve seus retratistas e os fatores físicos, hoje observados, podem ter oferecido algum elemento de inspiração artística para escritores e pintores, mas para a literatura machadiana apenas figurou como cenário de conflitos humanos mais intensos que a simples descrição de paisagens. As ruas pelas quais Machado andou certamente inspiraram mais seu espírito pelas pessoas e situações nelas vivenciadas que simplesmente pelas suas condições:

Durante todo o Segundo Reinado, no Rio predominavam as ruas estreitas e mal calçadas: a do Ouvidor, por exemplo, tinha apenas 6,7 metros de largura, e seu calçamento era de pé-de-moleque, isto é, com pedras de contorno irregular (naturalmente, ela foi uma das primeiras a serem melhoradas, primeiro em 1846, depois em 1853, e finalmente em 1857, quando chegou a ela o paralelepípedo – numa época em que na Europa já se usava o asfalto). (TRIGO, 2001, p.31)

A transfiguração desse panorama histórico haveria de aparecer de alguma forma nos textos dos nossos prosadores e poetas do romantismo, sendo que a obra poética de Castro Alves (1847-1871) foi a

que reconhecidamente privilegiou a abordagem da problemática abolicionista em sua obra como um todo. Quanto a Machado, sua missão consciente de estabelecer uma literatura puramente nacional não caiu nas armadilhas de um falso realismo, que veiculasse uma mensagem tal qual se lia em seu tempo, afinal, a mudança de costumes seria o suficiente para destruir o interesse pela obra. Mas tal procedimento não implica ignorar fatos e acontecimentos históricos próprios da época, no caso de Machado, a missão era a de fundar uma literatura propriamente brasileira e universal, para mais tarde ser lida como monumento de arte, não apenas como documentos de um período estático.

Nota-se que a nação escravista de então, com aspectos sociais tão contraditórios em si, tenha oferecido aos escritores da época um farto manancial de temas e figuras úteis para a construção de um ideal de orgulho e ufanismo. O tema do índio, representando um paradigma de herói, configura-se como o resgate de um passado mítico capaz de representar literariamente nossos pilares invisíveis da Idade Média, fundamentando as bases de um ideal de orgulho próprio, ainda que inventado, no qual a paisagem bucólica e o aborígine forjaram a fixação da imagem do “belo” artístico, inexistente naquele painel urbano escravista que já mencionamos.

Se os influxos internos por si não constituem fontes para uma literatura digna do rótulo de clássica, voltemos nossa atenção aos influxos externos, à ideologia europeia que se imitava e instaurava nos

trópicos. Roberto Schwarz, em ensaio originalmente composto para prefaciar a edição venezuelana do *Quincas Borba*, em 1979, intitulado “Duas notas sobre Machado de Assis”, afirma:

Levado pelo sentimento que tinha das coisas brasileiras, e sintonizado com o fin de siècle europeu, Machado não olhava o dia com entusiasmo. Em sua obra, a construção e destruição estão intimamente associadas. Uma impressionante pesquisa e invenção de formas nacionalmente autênticas acompanha-se da afirmação irônica (e enfática) de sua arbitrariedade. (SCHWARZ, 1987, p.170)

Esse enfoque sociológico suscita questionamentos sobre o fenômeno de aclimatação cultural aqui instaurado para o estabelecimento da tradição em literatura, a tradição que edifica uma nova literatura a partir da destruição de velhas formas. Nesse processo, a ideologia europeia serviu de substrato para a formação da nossa identidade cultural, uma vez que as ideias que fundamentavam as escolas literárias europeias não encontraram contexto social coerente nessas terras, viabilizando o surgimento de uma nova forma de expressão. No mesmo ensaio, Schwarz discorre acerca das vertentes críticas que recaem sobre Machado, dividindo-a em três vertentes: uma que condena a ausência de cor local; outra que valoriza o universalismo; e uma que o vê sob o signo da dialética do local e do universal. A terceira via é adotada pelo crítico por estabelecer melhores parâmetros para a compreensão do autor ao observar que Machado:

foi mais longe que outros na transcrição dos dados sociais, bem como no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior, o que paradoxalmente o levava a dispensar os apoios do pitoresco e do exotismo, e lhe permitia integrar sem servilismo os numerosos modelos estrangeiros de que se valia. (SCHWARZ, 1987, p.168)

É preciso evidenciar “como” Machado operou essa superação na transcrição dos dados, uma vez que sua literatura edifica e destrói. O simples fato de ter escrito poesia indianista quando ninguém mais o fazia é o suficiente para que releiamos atentamente aqueles versos. Se houve um “machadinho”, um poeta menor, quando e como se dá essa transição? Relacionar e cruzar detalhes constitutivos de seus poemas indianistas – quase todos encerram uma estrutura micronarrativa – com toda sua obra em prosa seria um longo e promissor percurso para uma melhor interpretação de seu valor como poeta.

Faz-se necessário, nessa nossa abordagem, a recuperação de uma divisão didático-pedagógica que estabelece duas fases para a carreira de Machado de Assis, na qual podemos observar a concomitância na produção de textos em prosa e em verso:

1ª fase:

- 1854 – estreia na poesia
crônicas, ensaios, crítica, teatro
- 1864 – *Crisálidas* (poesia)
- 1870 – *Falenas*, (poesia) *Contos Fluminenses*
- 1872 – *Ressurreição* (romance)

1873 – *Histórias da meia noite* (contos), ***Instinto de Nacionalidade*** (crítica)
1874 – *A mão e a Luva* (romance)
1875 – ***Americanas*** (poesia)
1876 – *Helena* (romance)
1878 – *Iaiá Garcia* (romance)

2ª fase:

1877 – crônicas e peças teatrais
1881 – *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (romance)
1882 – *Papéis avulsos* (contos)
1884 – *Histórias sem data* (contos)
1891 – *Quincas Borba* (romance)
1894 – *Esaú e Jacó* (romance)
1896 – *Várias histórias* (contos)
1899 – *Dom Casmurro*, Páginas Recolhidas
1901 – *Ocidentais* (poesia)
1906 – *Relíquias da casa velha* (contos)
1908 – *Memorial de Aires* (romance)

A variedade de gênero praticada por Machado ao longo de sua vida literária enriquece nossas perspectivas, possibilitando um julgamento justo das possíveis intenções nacionalistas presentes em sua obra como um conjunto orgânico. Nosso próximo passo objetiva a apresentação de alguns teóricos europeus e americanos que contribuíram para o desenvolvimento literário da nossa nacionalidade.

Roger Bastide



Acervo FFCL-USP

(1898-1974)

De fato, Bastide mostra como o texto comporta uma carga de mundo que atua graças à organização efetuada pela composição literária, não à simples referência temática ou conceitual.
(Antonio Candido)

3- INDIANISMO, AINDA QUE TARDIO

Machado de Assis publicou seu único livro de poesia indianista em 1875, apenas dois anos após ter escrito o ensaio “Instinto de Nacionalidade: notícia da atual literatura brasileira”, divulgado em *O Novo Mundo*. Já mencionamos o intuito de verificar se as proposições do crítico norteiam, ou não, suas composições indianistas, antes, porém, faz-se necessário situar seu ensaio historiograficamente.

Machado expõe uma sinopse da literatura brasileira, destinada ao público americano, procurando explicar como prosa, poesia e teatro caminhavam para o estabelecimento de uma nacionalidade autônoma. Dividido em cinco partes, a saber, a proposição inicial com o título do ensaio, seguido de “A Poesia”, “O Romance”, “O Teatro” e “A Língua”, temos nessa publicação um manifesto nacionalista, no qual, além de constatar as debilidades de tais gêneros entre nós, guardadas as devidas exceções, reivindica a presença de uma crítica que se fizesse orientadora nesse processo de conversão do *instinto* de nacionalidade em obras de arte propriamente.

Adentramos o ensaio ressaltando a filiação do mesmo àquela corrente de crítica viva, fundamentada por Denis e Garret, continuada por Magalhães e Alencar, com a qual Machado dialoga, sem omitirmos a estreita relação que se tem divisado nesse seu ensaio com o de Santiago Nunes Ribeiro (? -1847), “Da Nacionalidade da Literatura

Brasileira” (COUTINHO, s/d), de 1843, publicado no primeiro número da *Minerva Brasiliense*. Como nosso enfoque central é o indianismo, retrocedemos nessa linha de apresentação para, em seguida, retomarmos o ensaio de Machado.

O ensaio de Santiago Nunes Ribeiro foi uma resposta a José Inácio de Abreu e Lima (1794-1896), que em seu *Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil* (1835) esboçou um quadro do estado das nossas letras, no qual caracterizava a nação portuguesa e sua colônia como inferiores à espanhola. O crítico chileno discute e invalida tal ideia, também contra-ataca José da Gama e Castro, português exilado no Rio de Janeiro entre 1837 e 1841, que publicou no *Jornal do Comércio*, em 1839, dois artigos nos quais nega a autonomia das produções literárias brasileiras. O crítico chileno, Citado por Afrânio Coutinho, adianta todas as diretrizes que mais tarde Machado revisitaria:

Não é princípio incontestável que a divisão das literaturas deva ser feita invariavelmente segundo as línguas em que se acham consignadas. Outra divisão talvez mais filosófica seria a que atendesse ao espírito, que anima a ideia que preside aos trabalhos intelectuais de um povo, isto é, de um sistema, de um centro, de um foco de vida social. (p.46)¹

Quanto aos elementos oferecidos pela natureza e que animam o espírito criativo do escritor, sobre os quais Machado também irá

¹ As referências aos textos de Santiago Nunes Ribeiro, do ensaio “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira”, aqui transcritas, são de compilação realizada por Afrânio Coutinho em seu *Caminhos do Pensamento Crítico*. Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, v. 1, 1974.

tratar em seu ensaio, Ribeiro já estabelece:

Este princípio literário e artístico é o resultado das influências, do sentimento, das crenças, dos costumes e hábitos peculiares a um certo número de homens, que estão em certas e determinadas relações, e que podem ser muito diferentes entre alguns povos, embora falem a mesma língua. (p. 46).

Numa filiação à escola americanista de Denis, suas sugestões sobre poesia são um prenúncio do binômio local – universal:

A poesia do Brasil é filha da inspiração Americana. A inspiração não pode ser comunicada por nenhuma espécie de educação científica, ou estética. Considerada assim ela é inerente à natureza do homem, e só para desenvolver-se necessita dos estudos. (p.59)

O fenômeno de aclimação da língua e dos costumes como elemento representativo da independência cultural que se pretendeu após o sete de setembro não se limitou aos movimentos que se sucederam ao nosso romantismo, se expandiu como brasão a ser ostentado por todo aquele que desejasse contribuir com a fundação de uma literatura brasileira. A referência à cor local era acessório indispensável ao escritor e Machado ficou incompreendido por muitos na medida em que nem diminui, nem rejeita tal elemento. Sua poética reveste-se de um tom dialético que inverte as formas de expressão, aglutinando os elementos acessórios (paisagem) aos essenciais (homem) da poesia.

As ideias de Machado de Assis desenvolvidas no “Instinto de

Nacionalidade” demonstram que o autor há tempos caminhava no sentido de estabelecer sua base teórica. Em dois ensaios antecedentes visitou os temas que por hora estudamos, lançando sementes de uma consciência crítica que não tardou em brotar. “O passado, o presente e o futuro da Literatura” (1958) e “O ideal do crítico” (1865), publicados, respectivamente, no *Diário do Rio de Janeiro* e n’*A Marmota*, traziam reflexões sobre os temas brasílicos de igual teor àquelas ideias desenvolvidas nos ensaios antes publicados por Santiago Nunes Ribeiro e pelos historiadores que já citados.

No primeiro, brada pelo estabelecimento de uma crítica viva: *Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade* (MACHADO DE ASSIS, 1997). No segundo, um pouco mais extenso, divide sua abordagem em três partes, na primeira discorre sobre a cor local:

Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garret, em vez de dar a cor local às suas liras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional. Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 798)

Segundo Machado, o equilíbrio se deu com a publicação do *Uruguai*, de Basílio da Gama, de quem louva o talento e a inspiração, para

em seguida apontar-lhe a limitação de ordem estrutural: *Foi pena que em vez de escrever um poema de tão acanhadas proporções, não empregasse o seu talento em trabalho de mais larga esfera.* Em detrimento desse, louva as odes de José Bonifácio, louva os Andradas, cujo eco ressoa nos poemas nacionalistas das *Americanas* quinze anos depois. Encerra a primeira parte com Sousa Caldas e S. Carlos e elege a poesia como forma mais adequada para representar a jovem nação.

Na segunda parte do ensaio, relaciona fatos políticos com a literatura, menciona o estado de *dupla escravidão* em que o país viveu por muitos anos, e constata, via Chateaubriand, a necessidade do progresso nas artes, paralelamente ao material. Finaliza com o esboço da situação do romance, do teatro e da poesia no Brasil de então, relata a quase inexistência dos dois primeiros, condenando a permanência das traduções nesse último, sugerindo influxos políticos no sentido de estabelecê-lo e guiá-lo.

No ano seguinte, publica as “Idéias sobre teatro”, detalhando melhor sua proposta. Tristão de Ataíde, em artigo publicado na *Revista do Brasil*, intitulado “Machado de Assis, o crítico”, faz uma síntese comparativa da teoria literária de Machado de Assis, comparando as várias instâncias da arte literária às três facetas do sistema político republicano:

O crítico era pra ele um Magistrado. Era um dos poderes da República das Letras. Para Machado, o Poder Legislativo, nessa República, era representado pelos

Clássicos, pela Tradição, pelas “leis poéticas”, pela Gramática. O Poder Executivo eram os autores, em prosa ou verso. E o Poder Judiciário, os críticos. Da harmonia desses três poderes, não explícitos, mas implícitos na estética do mestre, derivam a paz e o progresso das Letras. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 780)

Buscamos a gênese dessa paz e desse progresso na sua poesia indianista (o seu Poder Executivo em questão), numa tentativa de identificar nelas os influxos desse Legislativo (já identificado no breve esboço historiográfico que traçamos), demonstrando a eficácia desse Executivo, representado pelo ensaio “Instinto de Nacionalidade”.

Ensaio dividido em cinco partes teve como propósito imediato a sua publicação em um jornal americano, na primeira parte Machado apresenta a questão da existência de certo instinto de nacionalidade, em seguida aborda em tópicos separados o romance, a poesia, o teatro e a língua. Inicia o ensaio com a frase que tomamos na epígrafe deste trabalho, e segue-se a afirmação de que *todas as formas do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, sintoma, a meu ver, de vitalidade e abono de futuro*. Numa estrutura silogística vai afirmando e demonstrando o fato afirmado, sempre relativizando sua proposta: cor local é fundamental, mas nem de mais nem de menos, o mesmo se dá quanto à filiação à tradição indianista.

As sugestões nacionalistas para a literatura brasileira esboçadas por Denis e Garret, por Santiago Nunes Ribeiro, Gonçalves de Magalhães e José de Alencar são revisitadas e desenvolvidas por Machado

nesse ensaio em uma linha de continuidade:

As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruga, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão.. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 801)

Expõe, a seguir, que a independência literária demanda gerações para se firmar e engloba todas as formas de expressão. Sua meta teórica parece estar sendo elaborada - ou mesmo resgatada - enquanto escreve parte das composições das *Americanas*. Em 24 de março de 1873, Machado já havia composto pelo menos quatro de suas peças, como podemos atestar verificando o quadro cronológico das composições aqui demonstrado anteriormente. A partir dele, via bibliografia como um todo, constatamos que os poemas “Potira”, “Os Orizes”, “José Bonifácio” e “Niâni” já haviam sido publicados. Ou seja, Machado está fixando um projeto de obra já configurada, está teorizando o que já realizou na prática, o que revela um estágio avançado de interpenetrabilidade daqueles *três poderes* em sua obra.

Machado postula o que todos os críticos incansavelmente afirmaram sobre Gonzaga, via Garret, e sentencia: *Dado que as condições deste escrito o permitissem, não tomaria eu sobre mim a defesa do mau gosto dos poetas arcádicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas literaturas portuguesa e brasileira.* Machado relativiza, em seguida, seu

juízo em relação aos poetas da fase colonial que diretamente sofreram os influxos de um meio cultural subjugado aos padrões da metrópole, calcados na *homogeneidade das tradições, dos costumes, da educação*.

Machado constata que se o público prefere um Basílio da Gama ou um Santa Rita Durão a um Gonzaga, por exemplo, tal critério parece-lhe injusto, uma vez que ao censurar os árcades, estaríamos subjugando elementos que foram importantes para o processo de formação da independência literária do Brasil.

Após condenar a exclusiva ostentação da cor local verificada em Basílio da Gama e em Durão, em seguida, delimita sua intenção em *atestar o fato atual*, o da existência de um instinto, de um desejo em criar uma literatura independente.

A aparição de Gonçalves Dias chamou a atenção das musas brasileiras para a história e os costumes indianos. Os Timbiras, I-Juca Pirama, Tabira e outros poemas do egrégio poeta acenderam as imaginações; a vida das tribos, vencidas há muito pela civilização, foi estudada nas memórias que nos deixaram os cronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes todos alguma coisa, qual um idílio, qual um canto épico. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 801).

Os elementos formais internos presentes nas composições das *Americanas* são de natureza vária, versos ora metrificados, ora livres, epígrafes de clássicos, ou de episódios clássicos da Bíblia, ausência de epígrafe, notas explicativas tiradas de cronistas, rimas; todos esses

elementos estão presentes nos treze poemas da obra, como sugerido pelo próprio autor em seu texto de crítica que abre esse capítulo.

A vida das tribos vencidas é o tema de “A visão de Jaciúca”, de “Última Jornada”, central nestes e periférico em alguns outros, como “Sabina” ou “Os Orizes”. Histórias e costumes das tribos permeiam a obra como um todo, quanto às memórias dos cronistas, Machado revela diretamente nas notas que fez divulgar junto da publicação, revelando a sua porção *legislativa* nesse processo de instauração de identidade cultural. Outro tema por ele sugerido é o da luta do elemento bárbaro com o civilizado, também presente nas *Americanas*.

Machado menciona as reações extremadas que a influência de Gonçalves Dias suscitou em seus contemporâneos, ora negando, ora aceitando a adoção da temática indianista. Machado dialoga com esses extremos magistralmente:

É certo que a civilização brasileira, não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isso basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que se compõe. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 801)

Temos a impressão de que Machado está negando realmente o fato, em seguida ele apresenta uma ponderação, uma reserva, e seu projeto teórico assume um tom dialético, tal qual sua obra. A

consciência humanizadora do crítico revela-se, em parte, nas orientações indianistas que observa sobre as obras de Magalhães e de Gonçalves Dias:

As tribos indígenas, cujos usos e costumes João Francisco Lisboa cotejava com o livro de Tácito e os achava tão semelhantes aos dos antigos germanos, desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fora sua; mas a raça dominadora que as freqüentou colheu informações preciosas e no-las transmitiu como verdadeiros elementos poéticos.. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 803)

Desapareceram os aborígenes, mas a raça dominadora cumpriu o obséquo de colher informações, registrar seus ritos e seus costumes; agora, em 1873, Machado clama pela piedade dos escritores, para seguirem consorciando, ou seja, *compensando* com louvor literário as barbáries do processo civilizatório. Machado, como já mencionamos, havia publicado “Potira”, “Os Orizes” e “Niâni”, todas ligadas entre si pelo esforço do poeta em resgatar as histórias das tribos vencidas. Caso particular temos n”Os Orizes”, do qual citamos seus cinco versos iniciais:

Nunca as armas cristãs, nem do Evangelho
O lume criador, nem frecha (sic) estranha
O vale penetraram dos guerreiros
Que, entre serros altíssimos sentado,
Orgulhoso descansa.....
(MACHADO DE ASSIS, 1977, p. 145)

Machado descreve nesse poema os costumes dessa tribo, habitante de uma região geograficamente *inóspita* da Bahia, nesses primeiros versos temos a imagem do isolamento em que vivia, mesmo

assim foi conquistada e convertida, primeiro ao cristianismo, depois ao pó, e agora em poema. Machado diz em nota que planejou algo mais extenso, mas não teve tempo de concluir, fixou ao lado do título a indicação “Fragmento”. Voltando ao “Instinto”, temos mais alguns ingredientes que Machado menciona em seu receituário poético, desta vez, indicando a diretriz universalizante:

Compreendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura, mas apenas um legado, tão brasileiro quanto universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 803)

Elementos como os costumes do tempo colonial, dos quais fazem parte as perseguições de ordem política, aparecem por toda a obra, como em “A cristã Nova”, poema marcado pelo episódio da prisão de um velho judeu, pai de Ângela. O poema aborda também temas de dentro do cristianismo, manifestados por traduções — procedimento que acreditamos representar uma manifestação universalizante da arte, uma vez que um escritor nacional, ao verter uma peça literária qualquer pra sua língua, veicula temas abordados por outros povos, de cultura diversa, mas essencialmente humana: *O que se deve exigir do escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.* Esse

tempo e esse espaço não encontraram barreiras na obra poética indianista do escritor.

Se o seu projeto poético era uma realização concomitante e atrelado a sua crítica, poderíamos antever em alguns de seus poemas o postulado da crítica e da crítica militante que reivindica:

A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura, é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história, se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que as esperam. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 803)

É provável que Machado já se sentisse escalando esses destinos aos quais a literatura chegaria, já estava sendo dado o primeiro impulso, e aquele eco tardio do indianismo das *Americanas* já representava um primeiro adeus à temática nacionalista centrada no processo de independência cultural.

Na terceira parte do ensaio, Machado, continua sua reivindicação crítica fazendo um balanço do número de poetas que apareceram nos decênios de 1850 a 1870, menciona Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Bernardo Guimarães, Varela, e Castro Alves. Sua avaliação:

Competindo-me dizer o que acho da atual poesia, ateno-me só aos poetas de recentíssima data, melhor direi, a uma escola agora dominante, cujos defeitos me parecem

graves, cujos dotes — valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adotar a necessária emenda. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 806)

E que emenda seria essa? Todo o seu pressuposto teórico, certamente, aos quais soma o sentimento da harmonia exterior, correção, gosto; e condena a intrepidez, a impropriedade das imagens, a obscuridade do pensamento, de imaginação, a busca de novidade e de grandeza, um amaneirado no dizer. Sobre a cor local afirma:

O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do Sul, os grandes rios, a mata virgem com todas as suas magnificências de vegetação, — não há dúvida que são painéis que desfiam o estro, mas , por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com oportunidade e expressos com simplicidade. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 807)

Machado assim postula seu *modo de usar* os elementos da natureza na poesia, colhe bons exemplos de Bernardo Guimarães, Varela e Álvares de Azevedo, e cita versos do poema “Os Timbiras”, de Gonçalves Dias. Finaliza: *Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis.* É importante lembrar que Machado alude a uma escola, sem mencionar o nome, e o faz também nesse final.

No mesmo ano do “Instinto”, as repercussões da “Questão Coimbrã” já ecoavam pela “Escola do Recife” de Romero, Machado expõe nesse ensaio todos os preceitos de nacionalismo fixados pelos românticos,

como o processo de recuperação dos escritores árcades e a existência de um instinto, um sentimento íntimo de nacionalidade. Recuperação essa que, segundo Raimundo Guimarães Júnior, levou Machado a intentar uma biografia de Basílio da Gama. (MAGALHÃES JR, 1981, v. 2, p. 141-151)

A história de constatação da ausência de cor local na obra poética de Machado de Assis começou bem cedo. Magalhães Júnior nos informa que em 11 de Janeiro de 1876, na *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo escreveu a primeira crítica às *Americanas*, na qual, antes de discorrer sobre a cor local, pontua alguns dos indícios da crítica machadiana aqui tratados:

Já se tem certeza de encontrar aquela correta e artística simplicidade de estilo, com que pena de Machado de Assis lembra a um tempo a de Garret e a de Théophile Gautier — com muito do gosto daquele pela elegância moderna, melhor dissera francesa, e muito do culto deste pela antiguidade grega. (In: MAGALHÃES JR. 1981, v.2, p.173)

Aos elogios sobrevêm as reservas, iniciadas pela conjunção adverbial subordinativa adversativa:

Entretanto ao ler o título do seu último livro, era lícito supor que se ia admirar nova face de tão claro estro, que a alma americana, ainda que um pouco tolhida nas vestes com que usa apresentar-se a musa do ilustre poeta, palpitasse nessas páginas. (In: MAGALHÃES JR. 1981, v.2, p.173)

Em seguida, Ferreira de Araújo faz uma crítica dos

elementos americanos que julga não estarem presentes nessa obra, enumerando as ausências com sentenças interrogativas:

Mas não. Não falamos já do estilo demasiado *português*; referimo-nos ao 'essencial', que 'é a alma do homem'. Essa é que, nas *Americanas*, não é americana. Onde os pensamentos virgens como a flora opulenta das nossas selvas? Onde as paixões generosas e indômitas como os leões dos nossos ermos? Onde a poética singeleza do dizer primitivo? E as paisagens sempre várias desta natureza sem par? Onde, em suma, a grandiosa incorreção que é o cunho da incauta beleza do mundo novo? (In: MAGALHÃES JR. 1981, v.2, p.173-4)

Acreditamos residir aí a gênese de todo julgamento da poética machadiana sob o prisma da cor local, crítica que seguiu o caminho da condenação, que foi se realimentando e se redimensionando ao passar por Sílvio Romero, por Lúcia Miguel Pereira e, que somente encontra objeção no ensaio que Roger Bastide publicou sobre a prosa machadiana, veiculado na *Revista do Brasil* em 29 de novembro de 1940, sobre o qual trataremos mais adiante.

Antes, faz-se necessário discorrer sobre alguns pontos importantes ainda não abordados. Uma das contribuições da obra de Raimundo Magalhães Júnior, no sentido da interpretação da obra machadiana sob a perspectiva do prosador, é a relação que se faz da recorrência de um mesmo enredo no conto, *Mariana* e no poema "Sabina", dado que exploraremos em capítulo adiante.

Parafraseando os primeiros críticos das *Americanas*, o

estudo de Magalhães Jr. pode ser considerado um *mimo*, lamentamos que o biógrafo se desvie no ensaio para tratar da ida de Salvador de Mendonça para Nova Iorque, ocasião em que Machado lhe enviou um exemplar de seu livro, tendo recebido uma menção crítica quase irrelevante no periódico *Novo Mundo*. No entanto, ainda menciona a segunda crítica à obra indianista saída no *Correio Paulistano* de Notícias em 16 de janeiro de 1876, de autoria de Carlos Ferreira. Intitulado “*Americanas — Poesias do Sr. Machado de Assis*”, o artigo trazia opinião diversa daquelas do primeiro que tratamos: “*Quem votar sincera afeição à boa poesia, à poesia singela e inspirada não poderá, ao certo, olhar com indiferença para a musa do Sr. Machado de Assis*” Magalhães encerra com uma saudosa menção aos dois maiores poetas recém-falecidos, Castro Alves e Fagundes Varela.

Quanto ao professor francês Roger Bastide, segundo ele, o objetivo de Machado em seus romances era:

Não permitir descrições para o divertimento, verdadeiros enfeites postiços no livro; é preciso que a natureza seja uma personagem que represente o seu papel, que a paisagem tenha significação e finalidades próprias, que sirva para facilitar a compreensão dos homens ou auxiliar o desenrolar da ação, e não seja um mero quadro rígido. (In: CANDIDO, 1983, p.106)

As palavras de Roger Bastide demonstram que, para Machado de Assis, a paisagem possui certa autonomia transposta para as angústias e tensões das personagens de seus romances, contos. Já

expressamos o objetivo de tentar abordar a poesia dentro do contexto geral de sua obra, dadas às delimitações desse trabalho, limitar-nos-emos em justapor alguns dos julgamentos críticos por nós recuperados nessa pesquisa.

Naqueles textos críticos de Machado que estudamos, vimos as diretrizes para todos os gêneros praticados pelo escritor, é verdade que procuramos delimitar aqueles sobre poesia, o que não quer dizer que as ideias de Bastide não se apliquem também a ela.

Outro texto crítico com uma abordagem algo semelhante são as reflexões do artigo genialmente intitulado “Um poeta todo prosa” (SECHIN, 1998), do professor e poeta Cláudio Murilo Leal, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Uma das questões centrais do referido ensaio são as considerações de seu autor acerca das particularidades narrativas presentes na poética machadiana. Inicia listando os poemas “À Carolina”, “Mosca Azul”, “Círculo Vicioso”, e “Soneto de Natal”, e postula:

Os outros três poemas podem ser considerados como historietas, apólogos metrificados e rimados, minicontos, fáceis de serem gravados mnemonicamente e parafraseados em prosa. É possível mesmo afirmar que quase toda a obra poética de Machado de Assis se enquadra numa linha narrativa e prosaica. (SECHIN, 1998. p. 205)

Essa linha narrativa e prosaica perpassa quase todas as composições das *Americanas*, como veremos no próximo capítulo. O

professor fluminense menciona as amarras que se impunham ao fazer poético em voga naquele momento histórico-literário, atreladas aos tratados de versificação de Bilac, Guimarães Passos e Castilho. Uma tentativa de identificação de aspectos da prosa na poesia só pode ser realizada a partir do estabelecimento de delimitações conceituais para esses dois gêneros, impondo uma delimitação de ordem teórica, relativamente flexível, conforme a escola literária a que se liguem seus autores.

É lugar comum nessa nossa área de Letras, o fundamento de que no nível linguístico, uma das características fundamentais da poesia reside na veiculação de um maior número possível de significados com um menor número possível de significantes. Ou seja, a poesia requer sínteses metafóricas, lances de imagens em sequências quase fotográficas, enquanto na prosa as ideias são veiculadas segundo uma ordenação temporal interna quase sempre lógica, como começo, meio e fim — embora essa ordem possa variar, vide *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A fusão das formas poética com a prosaica resulta numa composição que exige da crítica um movimento dialético de interpretação da peça. Leal corrobora esse nosso postulado:

O prosador, ao escrever um poema, deixa pistas e indícios que não está totalmente liberto daquelas outras normas direcionadas para a construção do discurso da prosa. Normas que ele já introjetou em seu psiquismo e automatizou em sua arte. (SECHIN, 1998. p. 206)

Nossos passos para uma avaliação da poesia de Machado de Assis chegam assim numa encruzilhada, na qual temos três estradas, as duas formas poéticas citadas, e um dado sócio-histórico pertinente ao escritor e sua época, a corrente literária a que ele encontra-se ligado, como opção estética, nem sempre resultante de um livre arbítrio. Concorre para a formação dessa última prerrogativa uma diversidade conceitual que não intentamos aqui desenvolver. Imprescindível é ligar os fatos histórico-literários à formação do escritor das *Americanas*:

A poesia de Machado de Assis, sucumbe, por um lado, à influência da prosa realista e, por outro, mostra-se herdeira dos cacoetes românticos, do sentimentalismo estereotipado, já em declínio quando foi publicado seu primeiro livro, *Crisálidas*, em 1864. (SECHIN, 1998. p. 207)

Ainda nessa parte, Leal afirma que *o posicionamento do poeta diante da vida e do amor ou ultra-romantizam ou abstratizam o conteúdo dos seus romances*, e exemplifica com o poema “Quinze Anos”. Na defesa do romantismo de Machado, menciona os contemporâneos do panteão romântico brasileiro e propõe as afinidades formais do autor de “Potira”:

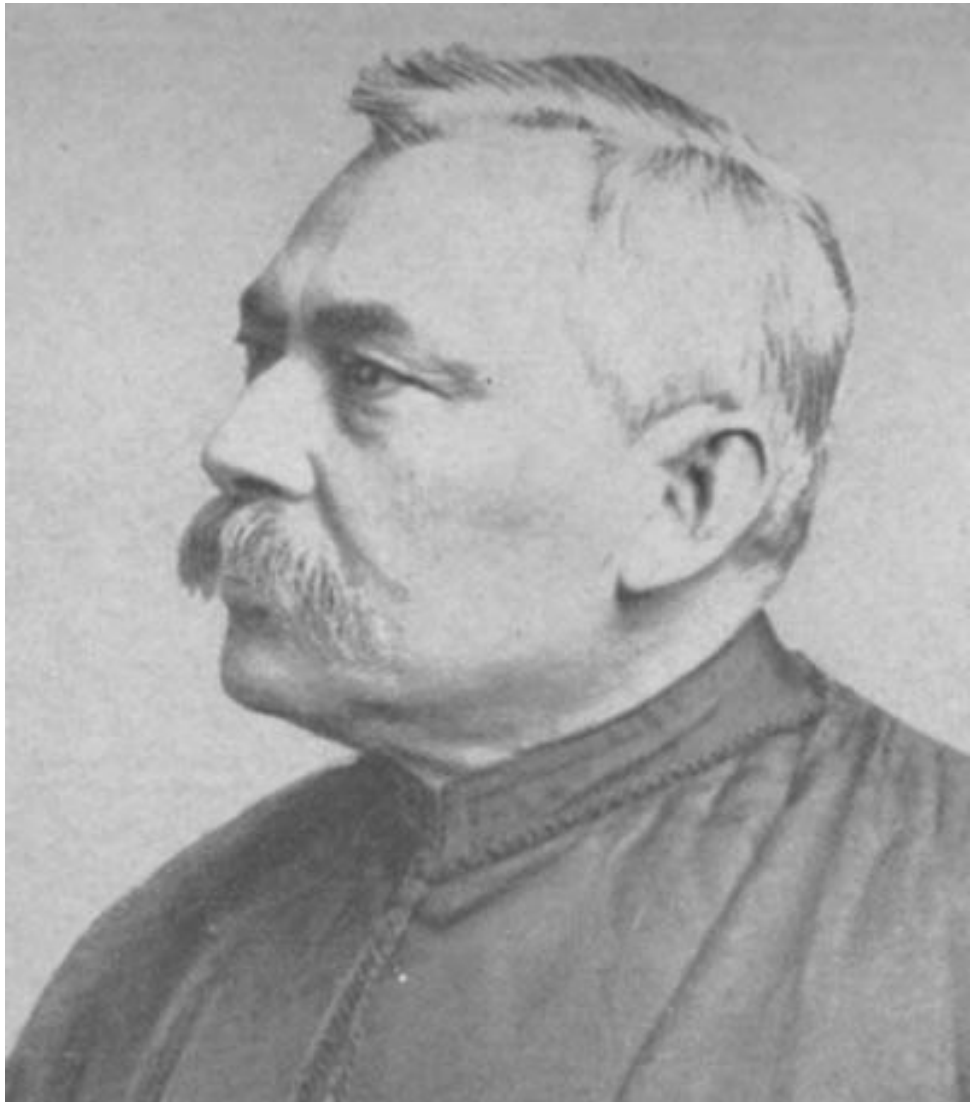
Se por um lado, os acentos prosaicos carregam negativamente a dicção do Aldo verso lírico, tornando-o desgracioso e pesado, por outro abre novas possibilidades de utilização do verso longo, como no caso do alexandrino. [com doze sílabas] E o alexandrino tornou-se um instrumento eficiente para as composições líricas. (SECHIN, 1998. p. 210)

O professor fluminense destaca cinco composições das *Americanas*, “Potira”, “Niâni”, “Lua Nova”, “Última Jornada” e “Os Orizes”. É notável a sugestão da filiação do poema narrativo “Potira” na tradição de um *Child Harold’s Pilgrimage*, de Byron, de um *Ancient Mariner*, de Coleridge, da tentativa pós-épica de *La Légend des siècles*, de Victor Hugo e, mais distante no passado, o *Decameron*, de Bocaccio, ou *The Canterbury Tales*, de Chaucer. Temos um amplo horizonte de possibilidades para cercear a gênese do elo de tradição do processo, mas é do processo que tratamos, da realização da poesia machadiana dentro dos limites internos do verso. Verificamos que a *prosa toda* do poeta suscita duas alternativas:

É possível afirmar que a influência da prosa atuou de duas maneiras na poesia de Machado. Uma negativamente, enfraquecendo a voz do poeta lírico, devido ao uso abusivo de lugares comuns e clichês, que reduzem a tensão da linguagem. Outra, de maneira positiva, trazendo para a poesia uma consciência humanística. (SECHIN, 1998. p. 214)

São sugestões consideráveis para a abordagem que aqui intentamos para a interpretação dessa obra poética indianista em seu conjunto. Após essas considerações acerca do projeto poético de Machado e de sua relação com o ideal de independência literária então vigente, manifestado em textos críticos e ficcionais. Sendo assim, trataremos a

seguir do aqui exposto, a partir da análise de textos em prosa e em versos, com o acréscimo de enfoque crítico pertinente acerca da questão de identidade e síntese.



Silvio Romero (1851-1914)

Machado de Assis não tem o talento de descrever, o pendor narrativo predomina de muito em sua índole de artista.
(Sílvio Romero)

4- POESIA COMO OFICINA DA PROSA

O fato de se trabalhar com a poesia de um autor tão estudado como prosador traz algumas desvantagens de ordem numérica em relação ao que se convencionou chamar de fortuna crítica, apenas isso. Por outro lado, a vantagem é quase inaugural, ainda que o aspecto da organicidade da obra completa desse autor, anunciado pela crítica, nos alerte a evitarmos delimitações muito rígidas, ainda que a pesquisa exija tal procedimento prévio, as fronteiras vão se alargando, em alguns casos parece desaparecer, mas apenas parece.

Isso não é à toa, os poemas de *Americanas* são de um hibridismo formal e temático alheio às classificações mais rígidas, incompreendidos em seu tempo e para além dele, merece atenção redobrada. Como primeira tentativa brutal de vestir uma camisa de força na pesquisa, tentamos o esboço cronológico das composições da obra, em que demonstramos como alguns poemas que integraram a coletânea de 1875 foram publicados anteriormente em jornal, fosse por força trágica (A Gonçalves Dias), fosse por ocasião talvez feliz (José Bonifácio). Fosse o motivo que fosse, apenas uma pequena parte do todo mereceu publicação anterior à reunião em livro, fato que poderia ser considerado inexpressivo, mas que vem a se revelar essencial para o entendimento de mais uma faceta do poeta: a de censor, a de autocrítico.

Americanas, coletânea republicada em 1901 traz doze poemas, ao

compararmos essa com a publicação anterior de 1875, encontramos duas alterações no mínimo curiosas; uma delas, mencionada por boa parte dos poucos que se ocuparam do assunto, é a supressão de um poema intitulado Cantiga do Rosto Branco. Machado evidenciou sua decisão em prefácio publicado, o que quebra a novidade do fato, a justificativa declarada do autor foi a de dar organicidade à obra, eliminando o que lhe parecia destoar do conjunto, pois se tratava da única tradução ali presente, de um poema de Victor Hugo, Chanson de La Chair Blanche. A edição primeira trazia treze poemas, a segunda, doze.

A outra alteração mencionada acima, até então pouquíssima ou nada debatida, diz respeito à supressão de versos de um poema, supressão apenas, sem substituição, estamos diante do censor de si mesmo, do autocrítico; mas não tão “auto” assim, uma vez que outro crítico foi quem provocou tal reação. O poema em questão é Sabina, que na edição revista e alterada nos traz, em seus duzentos e quarenta e nove versos, o que Mário Curvello classificou de minitragédia, apesar de nem tão trágica, nem tão feliz.

Para adentrarmos nas considerações acerca de Sabina, acrescentamos antes, ainda a título de introdução, algumas referências de ordem mais contextual para as recuperarmos adiante. Machado escreveu um artigo que se tornou sua mais importante declaração acerca de sua concepção de literatura, de sua especificidade artística, trata-se da Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade, publicado em 1873.

Como procedimento possível em nossa abordagem, a partir desse texto temos certa bússola para verificarmos se os rumos tomados pelo escritor traíram-lhe as diretrizes ou não. Como leitores do século 21, nosso distanciamento permite esse olhar mais panorâmico, no qual podemos identificar ou não, nas obras, traços, vestígios do projeto do jovem crítico em sua poesia.

As inúmeras análises da prosa demonstram isso com mais ou menos ênfase, a partir da historiografia da crítica somos tentados a organizar linha cronológica enfileirando Jean Ferdinand Denis e seu apelo à cor local, Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro, cujo ensaio Da Nacionalidade da Literatura Brasileira antecede ao Instinto de forma quase símile - sugestão já esboçada e comentada por Afrânio Coutinho; mais recentemente, pelo saudoso João Alexandre Barbosa.

No mencionado ensaio Machado relativiza a questão de se representar na literatura o exotismo da natureza do Brasil no plano do cenário mais superficial, carregando exageradamente os textos com as marcas próprias do lugar. Ao argumentar em favor de um moderado equilíbrio entre temas e cenas, recorre aos clássicos:

Mas, pois que isto vai ser impresso em terra americana e inglesa, perguntarei simplesmente se o autor do Song of Hiawatha não é o mesmo autor da Golden Legend, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admirável é; e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto,

Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês. (MACHADO DE ASSIS, 1997, v.3, p. 803-804)

No ensaio todo há um estilo machadiano inconfundível, ele afirma, em seguida nega, mas não elimina a necessidade do assunto, a sua possibilidade, é um exercício de relativização com o qual nos acostumamos ao ler Machado de Assis, procedimento que vamos abordar adiante. Quanto ao debate nacional-cor local, temos importantes textos de historiografia de crítica que demonstram a permanência da questão ao longo das décadas, textos de Maria Eunice Moreira, Roberto Ventura, João Hernesto Weber, etc.

Outro ímpeto, no estudo de *Americanas*, nos conduziu a uma cronologia a posteriori, e isso foi fundamental para uma primeira abordagem, quando elencamos as críticas àquela obra logo após sua publicação, ocasião em que surgem dois críticos que polarizam o bem e o mal sobre a poesia machadiana; de um lado, o doce José Veríssimo; de outro, o amargo e áspero Sílvio Romero. Os elogios não moveram o gênio, mas as duras críticas sim, e foi Sílvio Romero quem criticou versos de Sabina, selecionando e analisando estrofes inteiras para denegrir a imagem do poeta.

A travessura fez escola, como herança, uma série de críticos deram as mãos e se filiaram a uma tradição de recusa a esse Machado, inventaram um Machadinho. Recusa nunca aprofundada

metodologicamente, nos surpreende até mesmo que o juízo de Manuel Bandeira estampe a introdução do volume de poesia de Machado de Assis publicado pela Aguilar. Segundo Bandeira: *A influência de Gonçalves Dias e de Alencar é evidente, e Machado nada acrescentou nem nada alterou na maneira de representar o aborígene.* (In: MACHADO DE ASSIS, 1997, p.13). A negativa de Bandeira tem um lado oposto, que pode ser explorado: se Machado nada alterou de Gonçalves Dias nem de Alencar, devemos então demonstrar onde estão os pontos de contato dessas representações, o ponto chave da inalterabilidade, dessa implícita continuidade.

Mais recentemente, Antonio Candido em ensaio intitulado *Machado de Assis de outro modo* devolveu nossas atenções a um ensaio de Roger Bastide publicado e quase esquecido na Revista do Livro. O ensaio de Bastide – Machado de Assis Paisagista - revela uma abordagem única até então, e que tentamos reanimar em nossa pesquisa, ele vai buscar no Machado crítico do Instinto a resposta para a tal falta de cor local em suas obras, demonstrando que Machado propôs procedimentos de representação literária em seu ensaio e cumpriu com eles ao internalizar certos aspectos da vida brasileira em seus personagens.

A identidade nacional está representada na obra do bruxo do Cosme Velho, a questão é definir tal identidade para melhor situá-la, se há uma oscilação no conceito de identidade, esse movimento haverá de aparecer como traço distintivo na caracterização das personagens, podendo aparecer sob a forma de inconstância, movimento incessante, ou,

segundo sugestão de Antônio Pasta:

Chamava-se reflexão ao movimento pelo qual o sujeito individual, então recentemente isolado e liberado pela revolução burguesa, procurava encontrar em si mesmo o seu fundamento. No movimento da reflexão, portanto, o eu saía de si mesmo em direção ao outro unicamente para fletir de novo sobre si mesmo: ele re-fletia então, e nesse retorno sobre si, ele se reconhecia, tornando-se um ser em si e para si. (PASTA JR.-s/d)

A novidade esclarecedora do processo citado acima, associada às leituras que empreendemos ao longo da pesquisa, suscitou as abordagens dos textos tratados a seguir. Machado publicou *Ressurreição* em 1872, *A mão e a luva* em 1874, em seguida *Americanas* é publicada em 1875, essa se encontra exatamente no meio dessas obras consideradas como fase romântica, ou primeira fase do autor, *Helena* foi publicado em 1876 e *Iaiá Garcia* em 1878. Assim como em todas essas narrativas impera a personagem feminina, as mulheres também são personagens centrais de *Americanas*. Quanto ao hibridismo formal mencionado anteriormente, boa parte dos poemas de *Americanas* apresenta epígrafes retiradas de cronistas, de Dante, de Gonçalves Dias, e da Bíblia. A referência a textos bíblicos é constante, um salmo (137) chega a ser inteiramente transcrito dentro de *A cristã nova*, muitas outras passagens aludem a personagens bíblicas. Há ainda, para cada poema, a presença de notas explicativas ao contexto histórico referido.

Sabina se inicia com cinco quadras de rimas alternadas, é a história

da mucama da fazenda que se apaixona por Otávio, filho do fazendeiro, que logo parte para estudar, e também vai encontrar aquela que há de ser sua esposa. Sabina, cuja formosura atraíra o moço branco, sucumbe à rejeição pela sua condição de escrava. O início do poema já traz em si os elementos contraditórios que impossibilitam a inclusão dessa mestiça ao seio da família:

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha; e na província toda
Não havia mestiça mais à moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude;
Desabrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,
Que com ela brincou sendo menina,
Sobre todas amava esta Sabina,
Com esse ingênuo e puro amor da roça.
(MACHADO DE ASSIS, 1997, p.418)

O singelo e puro amor da moça só haveria de existir enquanto restrito ao universo dos serviçais, no momento em que essa almeja algo mais, os limites ideológicos lançam as linhas divisórias dessa relação escravocrata, em que o “eu” do senhorio assimila carnalmente o “eu” da escrava, mas a junção fica apenas no âmbito carnal. Machado narra a sedução de forma mui sutil²: *Flor da roça nascida ao pé do rio, / Otávio começou — talvez mais bela / Que essas belezas cultas da cidade, / Tão*

² Todos os versos de Sabina doravante citados encontram-se entre as páginas 418 e 425 da obra citada.

cobertas de joias e de sedas, / Oh! não me negues teu suave aroma! E não negou mesmo, nem falta no poema menção à falsa condição de liberdade dada aos escravos no Brasil: *Fez-te cativa o berço; a lei somente / Os grilhões te lançou; no livre peito / De teus senhores tens a liberdade, / Teve a ilusão de liberdade necessária para a consumação do ato, o qual Machado descreve recorrendo lances de imagens dignos dos grandes clássicos: Pela azulada esfera inda três vezes / A aurora as flores derramou, e a noite / Vezes três a mantilha escura e larga / Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,/ Anjo das virgens, anjo de asas brancas, Pudor, onde te foste? A alva capela,/ Murcha e desfeita pelo chão lançada, / Coberta a face do rubor do pejo,/ Os olhos com as mãos velando, alçaste / Para a Eterna Pureza o eterno vôo.* A escolha vocabular clássica aliada à ruptura das sentenças em que complementos frásicos inteiros são recuperados em versos seguintes talvez sejam elementos que auxiliaram a afastar leitores das melodias gonçalvinas regulares da análise mais profunda desses textos.

Na grande maioria dos versos de Sabina, o fim do verso não implica no fim da oração, pelo contrário, o fim do verso assinala o meio da frase, ou a iminência de uma oração subordinada. Assim como o processo social, o verso sempre termina no meio, num incessante retorno ao início, numa reflexão.

Os versos que se seguem nos remetem a um universo composto por escravos conscientes de sua impossibilidade de superação social,

nesse ambiente, o poema opera com a atmosfera em que se instaura uma tragédia anunciada, no qual outros escravos alertam Sabina do embuste: *Riem-se dela as outras; é seu nome / O assunto do terreiro. Uma invejosa / Acha-lhe uns certos modos singulares / De senhora de engenho;* A ilusão de que poderia alçar a um final feliz é unicamente fruto do mais puro amor. Nesse poema, bem como em outros tantos de Americanas, o amor e suas formas de concretização entre diferentes tribos e povos, ou como aqui, entre camadas distintas de classe, sempre resulta na morte, ou numa separação, ou num retorno ao estado inicial, no qual o indivíduo volta piorado.

No caso de Sabina, adiantamos que ela, grávida, tenta suicídio, mas prevalece o instinto materno de preservação da vida. Fato simbólico em si, esse episódio sintetiza muito bem o processo de formação social brasileiro, de uma miscigenação órfã desde sua base, onde as relações de poder e de força conduzem a uma formação que não se completa, e os filhos dessas relações vão herdando incessantemente essa mesma sina. Machado sugere no Instinto que *A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, deverá ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando na literatura os que a fatalidade da história divorciou,* mas como nesse caso, trata-se de uma literatura que recupera dados de uma história trágica na origem, a fatalidade permanece.

De dentro do verso para o contexto, é no mínimo curioso o fato de

Machado ter suprimido da edição revista de sua obra os versos criticados por Sílvia Romero, que escreveu um estudo intitulado Machado de Assis, título, que para alguns, deveria mesmo ter sido Tobias Barreto. Sílvia Romero não media palavras, em oposição à Escola do Recife considerava os escritores cariocas uma panelinha maçônica que trocava elogios como favores, usa versos de Tobias Barreto numa crítica comparativa aos versos de Sabina, cujos capítulos intitulam-se Paralelos com Tobias Barreto. O capítulo segundo trata de Americanas, e transcrevemos a seguir os versos e a sentença do crítico, versos que Machado vai suprimir depois, a enumeração é nossa:

01.....daquela (sic)
02 Poesia que foi nobre, airoso e grande
03 Em tempos idos, que inda bem se foram...
04 Também eu a adorei, uma hora ao menos,
05 E suspirei destes remotos climas
06 Pelas formosas ribas do Scamandro,
07 Onde descia, entre soldados gregos,
08 A moça Vênus; frívolo suspiro
10 Que não pode acordar dos seus sepulcros
11 Esses numes brincões da velha idade,
12 Mortos por seus pecados que os tiveram,
13 E por sossego nosso. (...)
Que linguagem, que feia prosa metrificada!
É um fragmento das *Americanas*. Quase todo o volume é nesse mesmo gosto de classicismo, sovado no fundo e na forma.
(ROMERO, 1992. p. 71)

Romero não menciona indicação bibliográfica que facilite o cotejo do leitor, o que permite inferir que se tratava então de obra já bem conhecida. Machado manteve na edição que preparou para 1901 os versos 01 e 02 de

nossa numeração, suprimiu os de 03 a 12, e mais os seguintes:

- 12 [E por sossego nosso.] Eram amáveis
- 13 E elos no seu tempo; hoje fariam
- 14 Igual papel ao do tardio máscara
- 15 Que ao desdobrar a aurora os panos de ouro,
- 16 Entre madrugadores se aventura.

Portanto, treze versos foram suprimidos do poema Sabina da versão original para a versão revisada de 1901. Os versos estão entre os de número 39 e 40 (Aguilar), na passagem em que se descreve o jovem Otávio. Diante de tal procedimento, evocamos um juízo postulado no Instinto sobre a geração presente de poetas: *Falta-lhe um pouco mais de correção e gosto; peca na intrepidez às vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento.* Como tal supressão em nada alterou a maneira de representar o moço endeusado, o censura de Romero, associada à crítica precedente de Machado são os indícios de que estamos diante de Machado reformulador de si mesmo.

Até aqui mencionamos essa curiosa relação entre um poema de 1875 e sua reimpressão em 1901, mas temos de atentar ainda para dois outros fatos literários diretamente ligados a esse poema e que estão presentes na obra machadiana. O mesmo tema, o mesmo enredo, e um final sutilmente diferente encontram-se esboçados em dois contos publicados por Machado, um anterior a composição de Sabina, outro posterior.³

No conto Mariana, publicado quatro anos antes de Sabina no Jornal das

³ Na atual edição da Aguilar, ambos os contos estão no segundo volume, o de Várias histórias, da p. 542 a 548; o de Outros Contos, de 771 a 783.

Famílias, em janeiro de 1871, depois recolhido na edição da Aguilar na seção Outros Contos. Nesse conto, temos a presença do autor implícito, uma vez que a história de Mariana, escrava da fazenda, que se apaixona pelo filho da sinhá, é contado por um amigo na mesa de um bar. Macedo, que retorna da Europa, encontra poucos velhos conhecidos e se reúnem, falam de seus destinos, ocasião em que Coutinho narra seu quase casamento com uma prima querida da família, mas o enlace se viu prejudicado pelas fugas de uma escrava que segredou ter se apaixonado por ele.

Após sucessiva recaptura, ela foge e acaba cometendo suicídio, o que consterna grandemente a alma de Coutinho, não mais vindo a se casar. Ao longo da narração, o modo com que somos informados acerca dos sentimentos que moveram as personagens, de um lado o dominador, do outro o dominado, o senhor e a escrava, evidenciam claramente que não estamos diante de um Machadinho, o gênio já estava lá, a tal reflexão, sugerida por Antônio Pasta, já permeia essa narrativa.

Mariana, assim como Sabina, era tratada como filha, tinha privilégios diversos, sabia trabalhos de agulha, sabia ler e escrever e ainda aprendeu francês. Quanto à sua aparência, assim como Sabina, *Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados.* Há no texto um jogo de contrastes, quase escondido, anterior a essa descrição, na qual prevalece a suposição de que encanto e inteligência não andariam juntos: *O desenvolvimento do seu espírito não prejudicava o*

desenvolvimento de seus encantos. É possível inferir que, nesse aspecto, estamos diante de uma pressuposição de ordem racial e social, segundo a qual seria incompatível para certas etnias a coexistência de faculdades mentais mais elaboradas, isso com base no oposto ao afirmado, em que desenvolvimento de espírito implicasse em alguma forma de obtusidade.

Esse era um dos fatos de que mencionamos existir no universo machadiano, o outro, a saber, foi a publicação de outro conto com o mesmo título, Mariana, dessa vez não é Mariana mulata ou escrava, mas uma Mariana branca, cuja alvura da pele parece contradizer algo de sua alma.

O segundo conto, de mesmo título, foi publicado em 1896, em *Várias Histórias*, portanto, vinte e cinco anos depois do primeiro, entre eles, Sabina. Se no conto que antecede ao poema, bem como no poema, temos como centro do conflito valores de relações humanas e sociais não resolvidos, ou resolvidos à brasileira, sem assimilação, no limiar da indiferença, sem incorporação do outro na esfera das relações sociais, é de se esperar que, passadas duas décadas, com o que se poderia inferir ser um processo de maturidade alcançado pelo escritor; tivéssemos uma narrativa redentora. Afinal, já se trata do escritor maduro.

Mas isso seria uma projeção demasiada romântica quando tratamos de um autor que soube como ninguém transpor para a ficção as especificidades da vida brasileira, de sua formação descontínua, do status quo inalterado ao longo da virada do século XIX, quando as transformações políticas não se refletiam no processo mental interno de interação dos

indivíduos. E de fato Mariana do segundo conto reitera no processo narrativo alguns dos aspectos presentes em Sabina e na Mariana escrava. A Mariana branca é personagem da narrativa de Evaristo, que retorna da Europa após longa ausência, e com uma ideia fixa, a de visitar Mariana, com quem ele teve um flerte proibido e depois disso auto exilou-se.

O narrador desse conto situa-se em tantas instâncias que mais parece não estar em lugar nenhum, movimenta-se do real para o irreal, o passado e o presente se justapõem de forma fantástica, o interno e o externo se misturam, tudo fruto da tentativa de expor o verdadeiro sentimento de Evaristo, tentativa de definir sua identidade. O simples resumo do enredo desse conto demonstra um exercício de busca de autocomiseração, o Rio de Janeiro para esse viajante perdido não passa de um purgatório, aonde sua alma vem em busca do inatingível, de um elo perdido.

Machado afirmara no Instinto que os *costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo*, e esse conto é mais um bom exemplo disso; Evaristo volta da Europa em 1890, onde ficara por dezoito anos, havia viajado com intenção de voltar dois anos depois, mas lá permaneceu, é interessante, e extremamente irônico, como Machado tira proveito de cada minúcia para alfinetar dados da nossa realidade formativa. Sabemos que boa parte da nossa elite de então fazia seus estudos na Europa. É nesse ponto que, nada gratuito, encontramos menção aos estudantes brasileiros:

Desinteressara-se das nossas coisas; ultimamente nem lia os jornais daqui; era um estudante pobre da Bahia, que os ia buscar emprestados, e lhe referia depois uma ou outra notícia de vulto. Um brasileiro pobre na Europa emprestando jornais para se atualizar é a caricatura voraz da mais pura identidade dos que constituíam nossa elite pensante.

Na sequência do conto, temos o motivo apresentado como central para seu retorno ao Rio: *Senão quando, em novembro de 1889, entra-lhe em casa um repórter parisiense, que lhe fala de revolução no Rio de Janeiro, pede informações políticas, sociais, biográficas. Evaristo refletiu. — Meu caro senhor, disse ao repórter, acho melhor ir eu mesmo buscá-las.* Mas essa razão vai diminuindo aos poucos. Nada é mesmo gratuito, o narrador semeia a dúvida: *mal se explica a resolução súbita de Evaristo pela simples curiosidade, contudo, não houve outro motivo. Quis ver o novo aspecto das coisas.* Eis que surge a ideia fixa, quando o narrador mais adiante menciona reiteradamente um motivo mais que central, Mariana: *Que será feito de Mariana?*

Evaristo visita Mariana, que se encontra com o marido já no leito de morte, gravemente adoecido. Na antessala, ao aguardar, já em meio a outras visitas, olha o quadro de Mariana. É nesse momento que o narrador funde o presente com o passado, o real e o irreal, num flashback que descortina ao leitor toda a trama de traição experimentada por ela e Evaristo, quando traíam Xavier, o marido que agora está moribundo; somos tragados para um fluxo de narrativa que nos restitui os acontecimentos que

assombraram Evaristo ao longo dos anos, sua fuga para a Europa em 1872, a tentativa de suicídio de Mariana. Nesse delírio, temos a abertura dessa alma masculina, expondo seus temores mais profundos e revelando um sentimento de busca da tal reflexão. Chocado com a constatação de que sua ausência na vida de Mariana não afetou profundamente a vida da esposa, e com a indiferença com que é tratado, volta a Europa, para reencontrar-se com si mesmo, uma vez que o movimento em direção ao outro, resultou em nada.

Retomando pela ordem cronológica da publicação das obras até aqui mencionadas, Mariana, a escrava foi impedida de viver seu amor plenamente por pertencer a uma classe social distinta e inferior dentro do quadro de relações do Brasil escravocrata, o amor dela por Coutinho chega a afetar e comover o escravista, que acaba com um tipo de trauma, de sentimento de culpa diante da impossibilidade de um final feliz para a trama, a já citada *piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia*, mas uma piedade tardia. Sob a ótica do narrador, que reflete a de Coutinho, infere-se que final feliz teria sido a restituição ao estado natural das relações estabelecidas, escravo na senzala, e o senhor na casa grande, casado com sua prima.

No segundo texto, Sabina e Otávio avançam a esfera da idealização e enamoram-se, o ato se dá num locus ameno, a natureza do ato não corresponde à natureza das divisões de classe, a assimilação carnal configura-se como algo possível, como forma de uma violência aceitável,

mas a realidade sócio cultural os repele de uma união efetiva, para o sofrimento e comiseração de Sabina. Há um tom de conformismo nessa representação literária do real, conformismo que resulta na sobrevivência da escrava e do filho que traz no ventre, e isso representa o futuro do Brasil, seu povo se forma assim.

No terceiro texto abordado, Evaristo é a síntese das duas primeiras formas de representação do processo assimilador que se deu no Brasil; ele possuiu e não possuiu sua amada, ela o amou e não o aceitou. Ele foi embora e voltou, mas não voltou, ficou lá; apenas espreitou no movimento da volta tudo aquilo que poderia ter sido, mas que não foi. Nessa espreita, visualizou e sondou de perto o que teria sido sua própria síntese: falsas relações, verdades ocultas, indiferença e morte.



José Veríssimo (1857-1916)

José Veríssimo, do mesmo modo, faz prevalecer os valores de representação sobre aqueles da construção, tornando inteligibilidade sinônimo de clareza.
(João Alexandre Barbosa)

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese de que a poesia pode ser lida como engrenagem a mover outras peças da máquina literária machadiana aqui se comprovou em níveis distintos. Primeiramente revelando o alto pendor crítico de Machado acerca de sua missão, de seu papel fundamental na construção de uma literatura com identidade nacional brasileira. Seus textos de caráter “judiciário” releem as tábuas da lei crítica que recebeu quer via autores – Basílio da Gama, Durão, Gonzaga, quer via críticos – Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro, José de Alencar.

Ao mesmo tempo em que digeriria tais concepções, operava (ruminava) com os modelos europeus com que teve contato, fontes minuciosamente apresentadas a nós nas publicações de Massa; adaptando tais modelos sem permitir um estereótipo empobrecedor e localista. Evitou controvérsias aos insultos e provocações de Romero, mas soube como nenhum outro escritor representar o (dês) caráter brasileiro de uma sociedade em formação tão complexa em raças e culturas.

Evidenciamos nessa abordagem, ainda que parcialmente, que o poeta habita o prosador e vice-versa, e em ambos há o crítico, e isso é parte fundamental para uma interpretação mais aprofundada de certas especificidades dessa literatura. Alguns detalhes, antes tido como curiosidades, após nossa leitura, não se configuram mais tão gratuitamente assim, o fato de Machado dar o mesmo título a dois contos tantos anos

depois nos faz supor tratar-se de um sinal de “retorno a si mesmo”, a aparente mesmice do enredo e das ideias neles contidas corrobora com a ideia da re-flexão, o que não exploramos profundamente aqui, mas que ainda perseguiremos, seria esse o papel da poesia nesse processo todo. Até que ponto seria ela um campo experimental para a prosa, no qual temas e procedimentos são testados para depois configurar em narrativas com maior alcance de leitores? Coisas futuras.

Esse, e alguns outros aspectos não foram aprofundados por fugirem ao nosso projeto inaugural de abordagem, como por exemplo, o grau de projeção de uma obra sobre a outra enquanto desdobramento temático; a representação de aspectos sociopolíticos no nível da linguagem. Abordamos singelamente certas nuances das relações do autor com a crítica de seu tempo e com sua própria concepção de crítica, algum fato social, e nada além.

Um dado específico e de caráter universal que chama nossa atenção ao longo de toda a obra indianista é a presença intertextual, referencial e tantas vezes direta de passagens e personagens da Bíblia em muitas de suas composições. Desde as epígrafes de alguns poemas, passando por transcrições de episódios inteiros. Soma-se a isso o hibridismo da forma com notas de rodapé nas quais se resgatam textos explicativos talvez redundantes a apenas uma pequena parcela de letrados da época, mas que no decorrer do tempo fixam-se como educativos e fonte para leitores futuros.

Com isso, parece-nos lógico que a leitura da poesia machadiana deva ser vista no conjunto da sua obra, como engrenagem da máquina. Parafrazeando o próprio: *Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los*. O apelo é significativo, mas a resposta não pode ser unilateral, e delimitações são metodologicamente essenciais nesse universo machadiano.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1- OBRAS DE MACHADO DE ASSIS

MACHADO DE ASSIS, J. M. Americanas. In: ——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 3, p. 809- 836.

——— Americanas. In: ——— **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. p. 349-441.

——— A nova geração. In: ——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v. 3, p. 809- 836.

——— Instinto de nacionalidade: notícia da atual literatura brasileira. In: ——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, v.3, p. 801-809.

——— **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

——— **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

6.2- OBRAS SOBRE MACHADO DE ASSIS

ATAÍDE, T. de. Machado de Assis, o crítico. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, v. 3, p.779-783.

BANDEIRA, M. O poeta. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, v. 3, p. 11-14.

BASTIDE, R. Machado de Assis, paisagista. In: **Revista do Brasil**, 3ª fase, v. III, nº 29, nov. 1940.

BARBOSA, J. A. Literatura e História: Aspectos da crítica de Machado de Assis. In: SECHIN, A. C. et al. (Org.) **Machado de Assis: uma revisão**. Rio de Janeiro: In-fólio, 1998. p. 215-24.

BOSI, A et alli. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

CAMARA JUNIOR, J. M. **Ensaio machadianos: língua e estilo**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CANDIDO, A Esquema de Machado de Assis. In: **Vários Escritos**. 3ª ed., São. Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39.

——— Machado de Assis de outro modo. In: ——— **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 105-109.

CASASSANTA, M. **Machado de Assis e o tédio à controvérsia**. Belo Horizonte: Os amigos do livro, 1960.

CASTELLO, J. A. **Realidade e Ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.

CHAGAS, W. **A Fortuna Crítica de Machado de Assis**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1994.

COUTINHO, A. **Machado de Assis na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: ABL, 1990.

COUTINHO, A. O poeta das **Americanas**. In: **Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira**. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 1992, p. 69-77.

CURVELLO, M. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, A. **et al. Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p.477-496.

FACIOLI, V. Várias histórias para um homem célebre. In: ——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, v. 3, p. 9- 59

FANTINI, M. (org.) **Crônicas da antiga corte: Literatura e memória em Machado de Assis**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FAORO, R. **Machado de Assis: a Pirâmide e o Trapézio**. São Paulo: Nacional, 1974.

GLEDSON, J. **Machado de Assis: Ficção e história**. Tradução de Sônia Coutinho. Rio: Paz e Terra, 1986.

——— (Org.). **Machado de Assis. Confrades de Versos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

——— **Machado de Assis. Impostura e realismo.** Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

JOBIM, José Luiz. (org.) **A biblioteca de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

———. Machado de Assis e o nacionalismo: o caso das Americanas. In: FANTINI, M. (org.) **Crônicas da antiga corte: Literatura e memória em Machado de Assis.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEAL, C. M. “Um poeta todo prosa”. In: SECHIN, A. C.; ALMEIDA, J. M. G.; SOUZA, R. M. e; (Org.) **Machado de Assis: uma revisão.** Rio de Janeiro: In-fólio, 1998.

MAGALHÃES JR., R. **Machado de Assis desconhecido.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

——— **Ao redor de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

——— **Vida e obra de Machado de Assis.** 4 v. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira/INL, 1981.

MASSA, Jean-Michel. **Dispersos de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: INL, 1965.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis (1839-1870).** Ensaio de biografia intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Conselho Nacional de Cultura, 1971.

MEYER, A. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

MIGUEL PEREIRA, L. **Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1936.

MONTELLO, J. **Os Inimigos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

——— **O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986

MOISÉS, M. **Machado de Assis: Ficção e Utopia**. São Paulo: Cultrix, 2001.

PACHECO, J. Precursor e contemporâneo: Machado de Assis. In: **O Realismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967, p.33-66

PEREIRA, A. **Machado de Assis. Ensaios e apontamentos avulsos**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1991.

——— Consciência nacional de Machado de Assis. **Revista do livro**. Rio de Janeiro: MEC, nº 11, ano III, setembro de 1958. p. 71-94.

PEREIRA, L. M. Primeiros Livros - Poesia. In: ——— **Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)**. 6ª ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 133-142.

PEREZ, Renan. Esboço Biográfico. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, v. 3, p. 67-92.

RAMOS, P. E. da S. “Apresentação”. In: ——— **Machado de Assis: Poesia**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1964, p.5-13.

ROMERO, S. **Machado de Assis**. Estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert, 1987.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

——— **Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

——— Duas Notas sobre Machado de Assis. In: ——— **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 165-178.

SECHIN, A. C.; ALMEIDA, J. M. G.; SOUZA, R. M. e; (Org.) **Machado de Assis: uma revisão**. Rio de Janeiro: In-fólio, 1998.

SOUSA, J. G. de . **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: INL, 1955.

——— **Fontes para o estudo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: INL, 1958.

TRIGO, L. **O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VERÍSSIMO, J. O Sr. Machado de Assis, poeta. In: ——— **Estudos de Literatura Brasileira**. 4ª série. São Paulo: Edusp, 1977. p. 51-59.

6.3- BIBLIOGRAFIA GERAL

ALENCAR, J. de. Benção Paterna. In: **Sonhos D'Ouro**. São Paulo: Ática, 1981.

——— Cartas sobre **A Confederação dos Tamoios**. In: CASTELLO, J. A. **A Polêmica sobre a Confederação dos Tamoios**. São Paulo: Fac. de Fil., Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953.

——— Como e porque sou romancista. In: ——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958, v. 1, Romance Urbano.

——— **Guarani**. São Paulo: Ática, 1981.

——— **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1959, 4 vol.

AZEVEDO, S. M. Joaquim Norberto: o nacional e a história. In: **Continente Sul Sur**. nº 02. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1996, p. 133-148.

BANDEIRA, M. **Obras Poéticas de Gonçalves Dias**. (ed. crítica). São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1944, 2 vol.

BARBOSA, J. A. (org.) **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Edusp, 1977.

BARRETO, T. **Dias e noites**. Rio de Janeiro: Ed. Organizações Simões, 1951.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora AVE MARIA Ltda, 88ª ed, 1993.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

BOSI, A **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BROCA, B. **Românticos, Pré-românticos e Ultra-Românticos**. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1981.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

——— **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 v. (1.ed. 1959)

——— **Estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Pub/FFLCH USP, 1996.

——— Introdução. In: **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Edusp, 1978, p. IX.

——— Literatura de dois gumes. In: ——— **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 163-180.

——— **Na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1995.

——— Os Tons Menores. In: **Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos.** 7ª ed, Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, v. 3, p. 227-230.

——— **Sílvio Romero:** teoria, crítica e história literária. São Paulo: USP, 1978.

——— **Vários Escritos.** São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1970.

CANDIDO, A. & CASTELLO, J. A. **Presença da literatura Brasileira.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, 2 vol.

CASTELLO, J. A. **A Literatura Brasileira. Origens e Unidade (1500-1960).** 2 v, São Paulo: Edusp, 1999.

——— A polêmica sobre a **Confederação dos Tamoios.** São Paulo: FFCL-USP, 1953.

——— **Textos que interessam à história do Romantismo.** São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961. v. 1.

CÉSAR, G. **Historiadores e Críticos do Romantismo.** São Paulo: EDUSP, 1978.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 3 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. v. 3, 4 e 6. (1.ed.1968)

COUTINHO, A. **A tradição afortunada** (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

——— **Caminhos do Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: Editora Americana; Prolivro, 1974.

——— **Introdução à literatura no Brasil**. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (1.ed. 1959)

CURVELLO, M. Resumo da história literária do Brasil. In: CÉSAR, G. **Historiadores e Críticos do Romantismo**. São Paulo: Edusp, 1978. p. 35-82.

DENIS, Ferdinand. **Resumo da História Literária do Brasil**. Trad. Guilhermino César. Porto Alegre: Lima, 1968.

DIAS, G. **Poemas**. Seleção, Introdução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Publifolha, 1997.

——— **Os Melhores Poemas de Gonçalves Dias**. Seleção e Introdução de José Carlos Garbuglio. 2ª ed. São Paulo: Global, 1997.

EAGLETON, T. **A função da crítica**. Trad. Jéfferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIOT, T.S. **Ensaio**. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FARIA, João Roberto. **O teatro realista no Brasil: 1855-1865**. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

FERREIRA, C. **Nota Crítica**. Correio Paulistano. **16/01/1876**.

GARBUGLIO, J.C. Introdução. In: ——— **Gonçalves Dias: Melhores poemas** (sel). São Paulo: Global, 1997, p. 7-12.

GARRET, A. Introdução ao **Parnaso Lusitano**. In: CÉSAR, G. **Historiadores e Críticos do Romantismo**. São Paulo: Edusp, 1978. p. 87-92.

GLEDSON, J. **Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

——— **Impostura e realismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, D. Lede. In: **Suspiros Poéticos e Saudades**. (ed. crítica) Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1939.

GRIECO, A. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

LAGARDE, L; MICHARD, L. **XIX¹º SIÉCLE: Les Grands Auteurs Français du Programme Anthologie et histoire littéraire**. Paris: Bordas, 1985.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos do Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985. (1.ed. 1954)

LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTINS, W. **A crítica literária no Brasil**. Rio: Francisco Alves, s.d.

——— **História da inteligência Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1977.

MENDONÇA, C. S. de. **Sílvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MEYER, A. **Textos críticos.** Organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo literário e crítica romântica.** Porto Alegre: IEL, 1991.

PERRONE-MOISÉIS, Leyla. **Altas literaturas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

——— **Flores da Escrivantina.** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RIBEIRO, Santiago Nunes. “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira”. In: COUTINHO, Afrânio (org) **Caminhos do Pensamento Crítico.** Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, v. 1, 1974.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira.** Tomo terceiro. 3. ed., aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. (1.ed. 1888)

ROUANET, S. P. Contribuição para a dialética da volubilidade. **Revista USP.** No. 175. São Paulo: EDUSP, março-maio/1991, p.175-194.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos.** Ensaios sobre dependência cultura. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto .Que **horas são?** S. Paulo: Cia das Letras, 1987.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. História Cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916.

WEBER, João Hernesto. **A nação e o paraíso**: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

WOLF, F. **o Brasil Literário**. In: CÉSAR, G. **Historiadores e Críticos do Romantismo**. São Paulo: EDUSP, 1978, p. 141-180.

ZILBERMAN, R. Almeida Garret e o cânone romântico. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1996, v. 32, nº 4, p. 25-35.

ZILBERMAN, R. e MOREIRA, M. E. (Org.) **Crítica Literária Romântica no Brasil: Primeiras Manifestações**. Cadernos do Centro de Pesquisa Literária da PUC-RS. Porto Alegre. v. 5. N. 2. Agosto/ 1999.

6.4- FOTOS EM SUPORTE ELETRÔNICO

Foto de Machado de Assis, disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl_minisites/media/ma_iconografia1.jpg>.

Acesso em 18 jul 2010.

Foto de Gonçalves Dias, disponível em:

<http://2.bp.blogspot.com/_SUjHma7NTkw/THGvZv4kJrI/AAAAAAAAAEs/7bwiEnofE_Y/s1600/Goncalves+Dias.jpg>. Acesso em 10 set 2010.

Foto de flor de embiruçu, disponível em:

<<http://www.flickr.com/photos/mariasg/592714360/in/photostream/#/>>.

Acesso em 10 out 2010.

Foto de Roger Bastide, disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000300023&script=sci_arttext>. acesso em 08 out 2010.

Foto de Sílvio Romero, disponível em:

<<http://www.revistabula.com/posts/entrevistas/joao-do-rio-entrevista-silvio-romero>>. Acesso em 13 jan 2009.

Foto de José Veríssimo, disponível em

<http://peregrinacultural.files.wordpress.com/2009/06/jose_verissimo.jpg>.

Acesso em 19 jul 2009.